







Apres

# Apresentação

## *Apresentação*

Publicamos, na íntegra, uma entrevista de D. Nuno Almeida a João Pedro Quesado, divulgada na sua quase totalidade na Igreja Viva («Diário do Minho» de 09 de junho), sobre a proteção de menores.

De D. José Cordeiro publicamos a homilia proferida na solenidade do Corpo de Deus, em Braga, e informamos da participação na aldeia de Pereira, no concelho de Mirandela, na I Jornada de Espiritualidade Eucarística.

Além da referida entrevista publicamos de D. Nuno Almeida homilias proferidas em dia de S. João Batista e num encontro de famílias, e textos recolhidos no Facebook.

Apresentamos a síntese final da fase diocesana do processo sinodal.

Da Conferência Episcopal Portuguesa publicamos orientações relativamente aos arquivos das dioceses e comunicados sobre a pretendida legalização da eutanásia e do suicídio assistido, uma assembleia plenária extraordinária e as jornadas pastorais do episcopado.

Do Papa Francisco publicamos a mensagem para o VI Dia Mundial dos Pobres e as homilias proferidas nas missas do Encontro Mundial de Famílias e da bênção dos pálios para os novos arcebispos metropolitanos.

O mês de julho ficou marcado por especiais atos de devoção para com a Santíssima Eucaristia. Voltaram à rua, em diversas localidades, procissões em honra do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo (Corpo de Deus) e muitos meninos fizeram, solenemente, a primeira comunhão. Também foram celebradas em várias paróquias festas em honra dos chamados Santos Populares: Santo António, S. João Batista, S. Pedro.

*O Diretor*

1.

Tema do Mês





## *Não à conspiração do silêncio*

*Publicamos, na íntegra, uma entrevista de D. Nuno Almeida a João Pedro Quesado, divulgada, na sua quase totalidade, na Igreja Viva («Diário do Minho» de 09 de junho).*

Bispo Auxiliar em Braga desde 2016, foi em outubro de 2019 que D. Nuno Almeida passou também a ser coordenador da Comissão de Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis da Arquidiocese de Braga. Quase três anos depois, e num momento importante neste tema para a Igreja em Portugal, falou com o Igreja Viva sobre o trabalho e o tema dos abusos na Igreja.

*Igreja Viva - Como é que tem sido o trabalho da Comissão de Proteção de Menores desde 2019?*

D. Nuno - A tarefa prioritária da Comissão tem sido acolher, apoiar e acompanhar as vítimas de abusos sexuais. Isso é claro. Desde o início, também tem sido importante o trabalho de prevenção, organizando, na Arquidiocese, ações de sensibilização, de informação e de formação sobre a problemática dos abusos sexuais, dirigidas sobretudo aos padres e aos agentes pastorais que trabalham e que

lidam com menores e pessoas vulneráveis.

A Comissão de Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis da Arquidiocese de Braga foi criada pelo Senhor Arcebispo em outubro de 2019 – ainda por D. Jorge Ortiga, dentro do prazo que o Papa Francisco tinha estabelecido.

Tem sido uma experiência muito intensa e, como coordenador, julgo que é justo manifestar gratidão a todos os seus membros, porque assumiram, com muito dedicação e espírito de serviço, esta delicada e exigente sentido de missão, equilibrando com as suas profissões e vidas do dia-a-dia.

Temos experimentado os frutos de um trabalho em equipa, a partir da fé e conjugando os saberes de cada membro da Comissão, para que haja um acompanhamento integral das vítimas e de todas as pessoas envolvidas em cada caso.

*Igreja Viva - Como é que verificam se uma denúncia é, ou não, verdadeira? Que passos seguem?*

D. Nuno - À partida, é necessário – e por isso temos uma advogada na Comissão – cumprir sempre as leis civis em relação a crimes, indícios de crimes, etc. Depois, sendo uma instituição da Igreja, também temos que cumprir a legislação canónica. E também é preciso bom senso, no sentido de lidarmos com a presunção de inocência.

Felizmente temos um regulamento elaborado pela própria Comissão, aprovado pelo Senhor Arcebispo, e esse regulamento dá-nos alguma segurança e tranquilidade nos passos a dar diante das situações concretas com que nos deparamos. Este regulamento está disponível no site da Arquidiocese.

À Comissão podem chegar queixas, denúncias ou pedidos de apoio e aconselhamento, o que também acontece.

Em primeiro lugar, convém dizer que estas queixas podem ser feitas diretamente através do endereço postal, do e-mail ou do

número de telemóvel diretos, que estão no site da Arquidiocese e num folheto distribuído pelas paróquias, assim como podem ser feitas junto de um membro da Comissão.

Pode acontecer de ser apresentada uma queixa ou denúncia a um responsável da pastoral diocesana.

Se alguém se apercebe, tem obrigação de, imediatamente, avisar e comunicar à Comissão.

Ao receber uma queixa, denúncia ou pedido de apoio, temos um prazo máximo de cinco dias para agir e, atendendo às aptidões específicas de cada um dos seus membros e o caso, nomear um membro da Comissão para conduzir o processo, nomeadamente, escutar a vítima, ou quem denuncia, e prover às suas necessidades espirituais, psicológicas, jurídicas ou outras. Um outro membro é nomeado para servir de secretário, por assim dizer, no caso.

Estas pessoas têm que ouvir toda a gente necessária, imediatamente, e se for preciso deslocar-se, devem fazê-lo, de forma sigilosa e com cuidado para que ninguém se exponha publicamente.

Concluído o processo de averiguações, apresentam-nas ao coletivo da Comissão, e o relator final nomeado produz um relatório.

O mais delicado é a fase seguinte, porque, caso haja indícios suficientes da prática de crime de abuso sexual, é necessário fazer a denúncia às autoridades civis e eclesíásticas – no caso de ainda não ter acontecido.

Estando em questão menores, cabe aos encarregados de educação, mas noutros casos, a própria autoridade eclesíastica deve fazê-lo.

O relatório final é entregue ao Arcebispo que, depois de analisar, lhe dará o seguimento conveniente, nomeadamente a eventual nomeação de uma Comissão de Investigação Prévia e comunicação à Congregação para a Doutrina da Fé, da Santa Sé.

Essa é uma outra etapa, a da justiça eclesíastica.

O resultado final tem sempre consequências duplas: como qual-

quer cidadão, é preciso responder perante a justiça civil, e poderá, depois de uma suspensão temporária preventiva, ser demitido, etc.

Depois da conclusão do processo, a Comissão, em particular o responsável e o secretário, continuarão a acompanhar a vítima e outros intervenientes, sempre que necessário, assim como agressores.

A Comissão está constituída para dar apoio, orientação a nível psicológico, jurídico e espiritual, e tem a responsabilidade de abrir portas para que a pessoa chegue onde melhor pode ser acompanhada.

*Igreja Viva - Estes passos parecem mais adequados a queixas sobre casos recentes. Se forem casos mais antigos, inclusive com possibilidade de terem prescrito, qual é o processo?*

D. Nuno - Nesses casos, em termos civis, não adianta enganar as pessoas, porque essa é uma possibilidade para casos mais antigos.

Aquilo que damos é que, mesmo que seja uma situação de há 40 anos, para a vítima é como se fosse ontem. Não prescreve.

Claro que a pessoa entende que já não é possível haver investigação criminal, mas o trauma permanece.

Há situações na Igreja em que não há prescrição, e em que não é o bispo a decidir, mas a Congregação para a Doutrina da Fé.

O que as pessoas têm procurado é, sobretudo, em ambiente seguro e sigiloso, e de confiança – o que é complicado, até porque estamos no ambiente da Igreja e estes casos são feridas criadas no ambiente da Igreja –, a tal ajuda espiritual.

Se são casos no presente, é preciso desde logo tomar decisões, principalmente havendo perigo dos abusos estarem a acontecer – mesmo que possa parecer injusto.

É preciso haver uma suspensão preventiva para se poder apurar e, nesse caso, quem faz a investigação é a Polícia Judiciária.

Esta cooperação demorou a chegar. Mas vivemos tempos novos, e não podemos voltar atrás. Não podemos criar um espírito que

depois leva ao silêncio e a que estes problemas se perpetuem.

*Igreja Viva - Nesses casos antigos, as pessoas também podem vir à procura de um reconhecimento de erro e de culpa?*

D. Nuno - Sim. As pessoas procuram que se acredite...

Até há três anos eu nem sequer percebia, tinha uma ideia muito vaga destas coisas.

No passado, as pessoas acreditavam muito mais no pároco, no catequista ou no chefe de escuteiros do que numa criança. Felizmente, isto mudou.

Com técnicos na Comissão temos forma de perceber se alguém inventa ou chega com outras intenções, mas isso são coisas residuais.

As pessoas precisam de ser acolhidas e a nossa intenção...

O coração de alguém que foi ferido, que foi abusado, é terra sagrada.

Nós temos que ter cuidado extremo na forma como lidamos com o caso, até nas perguntas que fazemos.

*Igreja Viva - Quantas denúncias é que a Comissão já recebeu?*

D. Nuno - Não são muitas, e daí, também, a importância da divulgação.

Desde o início, tratamos quatro situações. Se compararmos com o número de pessoas que recorreram à Comissão Independente, faz-nos pensar.

Foram situações muito diversificadas, e estes quatro casos estão a seguir as etapas e procedimentos previstos na lei civil e na canónica.

Se no presente acontecem abusos ou alguém tem conhecimento de abusos e fica em silêncio, está a impedir o trabalho da Comissão Diocesana - mais próxima - e da Comissão Independente.

A primeira lição que devemos aprender e ensinar é a de não guardar silêncio. Isto é a chave. Quem cala nunca se protege a si mesmo, só está a proteger o agressor.

Devemos reconhecer as omissões, a negligência que, pelo silêncio, cultivamos na Igreja ao longo destas décadas, e precisamos de pedir perdão a todas as vítimas.

Não podemos manter a impunidade nem o silêncio. Qualquer um de nós na Igreja, seja bispo, seja padre, seja catequista, quem lida com crianças também é cidadão, e mantém as obrigações de cidadão.

Há, sim, que aprender a saber ler os sinais de alerta e tudo fazer para tornar a igreja e suas comunidades seguras para as crianças, adolescentes e pessoas vulneráveis.

Para mim tem sido uma descoberta, e a minha atitude agora é muito diferente comparada com há uns anos.

O mais importante é prevenir.

Termos que lidar, depois, com queixas e denúncias, é dramático, porque já houve vítimas, já houve pessoas que ficaram com a vida condicionada para sempre.

Por isso tudo o que pudermos fazer preventivamente é importante, como saber ler os sinais de alerta para tornar a Igreja e as comunidades seguras.

Sem uma relação de confiança, a Igreja entra numa espécie de implosão.

O silêncio é o segundo maior inimigo das vítimas de abusos.

Temos que agradecer às pessoas que tiveram a coragem de quebrar o silêncio, e passar esta mensagem de que, no presente, haja muito mais atenção e não se demore na comunicação, porque pode-se evitar o mal.

*Igreja Viva - Já teve a oportunidade de falar com alguma vítima?*

D. Nuno - Sim. Aliás, nós nem tivemos tempo. Mal a Comissão foi anunciada, a prioridade foi receber e, ainda não tendo o regulamento pronto, felizmente contamos com pessoas experientes

em situações delicadas. Para mim...

Não é que tenham sido muitos encontros, mas os que houve marcaram-me e mudaram-me interiormente, e na maneira de olhar com todo o respeito, caridade e disponibilidade.

Fizeram-me compreender que não há pior tragédia do que viver situações dramáticas e traumáticas na mais completa solidão, a viver-se o receio de não ser levado a sério por cima do trauma.

Não há palavras que possam exprimir o sofrimento dos que são abusados sexualmente, sobretudo quando são menores e completamente indefesos.

Arrepiava pensar nisto, mas é uma realidade tão incontornável que vale a pena refletirmos sobre ela para ajudarmos os nossos filhos, netos, sobrinhos, alunos, amigos e filhos de amigos a precaver-se contra potenciais abusadores.

Quando o padre Zollner esteve cá, procurou trazer-nos precisamente testemunhos, como o Papa fez quando chamou os presidentes das conferências episcopais a Roma.

Um dos testemunhos que o padre Zollner contou foi o de alguém que foi abusado num país europeu e que depois comunicou isso mesmo à diocese. Essa diocese enviou-lhe uma carta em que dizia, entre formalismos, ‘recebemos a sua queixa, respeitamos, porém tudo isto já prescreveu, por isso passe bem’.

Esta pessoa foi uma das que esteve com o Papa no encontro em Roma, foi a última recebida pelo Papa.

Enquanto esperava estava muito ansioso e saiu por algum tempo, e comprou um postal com a Pietá. Quando chegou ao pé do Papa, estava cansado e começou a gritar. Ninguém sabia o que fazer, mas o Papa simplesmente ouviu e depois reparou no postal e pediu se podia ficar com ele para todos os dias rezar por ele.

Para esta pessoa foi muito maior o sofrimento causado pela resposta da diocese do que o causado por algo que tenha acontecido.

Passado um ano, voltaram a encontrar-se, e o Papa tornou claro

que se lembrava dele todos os dias. Depois daquela frieza burocrática, encontrou no Papa o rosto de uma proximidade importante.

*Igreja Viva - Vários especialistas, precisamente como o Pe. Hans Zollner, têm referido a importância da prevenção neste assunto. O que é que a Comissão e a Arquidiocese estão a fazer nesse capítulo?*

D. Nuno - O padre Zollner veio há uns anos, convidado pela Universidade Católica, ainda antes da formação da Comissão.

É uma pessoa muito direta e concreta. Nessa altura ficamos com o contacto dele e fomos procurando pedir ajuda, expor dúvidas que tínhamos, até porque não havia nenhum modelo. Foi nesse contexto que fomos percebendo, primeiro, que não é possível anunciar e testemunhar o amor de Deus e a alegria do Evangelho em comunidades, paróquias e movimentos onde as pessoas não se sintam respeitadas e seguras.

Para além disso, tomamos consciência do que disse o Papa Francisco, da necessidade de “desenraizar da Igreja a chaga dos abusos sexuais contra menores e abrir um caminho de reconciliação e de cura a favor de quantos foram abusados”.

É decisiva a formação. Por isso, tivemos uma importantíssima Jornada de formação para o clero, orientada pelo Pe. Zollner.

Foi um dia inteiro, incluindo um almoço de trabalho. Na altura a sessão não foi aberta ao público precisamente para todos ali saberem que são padres e poder tratar do assunto de forma mais simples e veemente. Foi como afinar as cordas de uma viola... Sem essa afinação, andamos um bocado iludidos e, sobretudo, não andamos à altura da vigilância que devemos ter em relação a este problema, que nos compete a nós na Igreja.

Mais tarde, já em sessões abertas, em dois sábados diferentes, tivemos entre nós elementos do programa “Cuidar” da UCP e do Serviço de Proteção dos Jesuítas, que nos ofereceram uma profunda



e iluminante reflexão, importante na criação da cultura do cuidado e da prevenção.

Para além disso, elaboramos um folheto informativo com base num do Patriarcado de Lisboa. Tem sido distribuído pelas paróquias e movimentos, como forma de formação e informação sobre o drama dos abusos sexuais. Constan os contactos da Comissão, e-mail e número de telemóvel.

Temos consciência de que é preciso fazer muito mais, nomeadamente um manual de boas práticas e tornar obrigatória formação anual para quem trabalha pastoralmente com crianças e pessoas vulneráveis. Mas, felizmente, hoje em dia as coisas mudaram e existe uma maior atenção e capacidade de interpretar os sinais de alerta.

É importante que transmitamos às crianças e jovens que ao menor sinal de estranheza comuniquem com alguém. Ou seja, por favor, evitem o silêncio! O silêncio impede que se possa atuar.

*Igreja Viva - Esse silêncio pode estar relacionado com medo.*

D. Nuno - Sim, sem dúvida. É difícil... Até porque, muitas vezes, o abusador era uma pessoa de confiança, até porque ao abuso sexual está ligado um abuso de poder, o uso pervertido do poder de uma responsabilidade. Portanto, as pessoas têm medo, sim.

Ainda outro dia, na sessão em que estiveram os doutores Pedro Strecht e Daniel Sampaio, explicaram que, em relação aos rapazes, acaba por pairar a ameaça de espalhar um rumor de homossexualidade no caso de se fazer queixa.

Isso cria uma coação que amplia ainda mais o sofrimento.

*Igreja Viva - Como é que os seminários podem preparar os novos diáconos e sacerdotes para prevenir os casos de abusos?*

D. Nuno - Cada equipa e cada seminário terá as suas respostas, dependendo do ambiente onde vive, mas há normas para a

formação inicial e permanente da Santa Sé desde 2016.

Os tópicos são simples. Em primeiro lugar, é precisa toda a atenção para que quem tem tenha cometido abusos não avance para o sacerdócio. Depois, é preciso muita atenção também à eventualidade de seminaristas que foram abusados, na família ou no ambiente do seminário. É preciso acompanhar devidamente essas pessoas.

Também é explícito que é preciso incluir no programa de formação, tanto inicial como permanente, aulas específicas sobre a proteção de menores e pessoas vulneráveis.

Penso que foi um sinal muito positivo o facto de os seminaristas das diversas dioceses que vivem em Braga terem participado nas ações de formação organizadas pela Comissão de Proteção.

*Igreja Viva - Com tudo o que já falamos, torna-se um pouco mais claro que o trabalho das comissões diocesanas passa mais pela formação de padres, religiosos e leigos do que pela investigação?*

D. Nuno - Sim, a nossa missão não é investigar. É acolher, sinalizar, apoiar e procurar, por todos os meios, sensibilizar e formar. Não podemos invadir as competências do Ministério Público ou do Tribunal Eclesiástico.

O Papa Francisco estabeleceu um prazo para que em todas as dioceses do mundo se criassem as Comissões de Proteção e balizou, claramente, a sua ação: acolher, escutar e aconselhar quem tiver sido vítima de abuso; acompanhar todas as pessoas envolvidas, tanto no processo de abuso como na sua denúncia; promover a informação e a formação sobre a problemática dos abusos sobre menores e adultos vulneráveis e sensibilizar os agentes pastorais e as instituições para a necessidade de desenvolver uma cultura de cuidado e prevenção de qualquer tipo de abuso.

Estes são objetivos muito exigentes e não faria sentido que a ação da Comissão tentasse invadir o campo da justiça civil e da justiça eclesial.

É preciso que continuemos a formar a consciência de todos, alertando para a gravidade dos abusos sexuais.

O mais importante é que, assim como já houve campanhas de prevenção rodoviária muito eficazes, de tolerância zero, é nosso dever tudo fazer para que também a Igreja seja um caminho seguro e nela haja tolerância zero para abusadores e para encobridores.

*Igreja Viva - A criação da Comissão Independente veio trazer mudanças às comissões diocesanas?*

D. Nuno - A Comissão Independente veio completar o quadro, fazendo o apuramento histórico. Mas sentíamos que muitas pessoas queriam o anonimato, e outras queriam algum distanciamento do ambiente em que o abuso aconteceu.

As Comissões Diocesanas são grupos de trabalho do Bispo de cada diocese. A Comissão Independente, como o próprio nome indica, tem autonomia para estudar este problema com profundidade e propor medidas preventivas, e o único compromisso é o prazo de um ano para apresentar conclusões.

Se juntarmos o Grupo Coordenador Nacional das Comissões Diocesanas temos agora um quadro mais completo para que se estude, acolha, acompanhe e previna o drama dos abusos sexuais na Igreja. Hoje há condições para que ninguém fique em silêncio.

*Igreja Viva - O mediatismo mais regular que esta Comissão Independente deu ao assunto, mesmo sendo desconfortável para a Igreja, é benéfico porque mostra que a Igreja está disponível.*

D. Nuno - Tocas num aspeto decisivo. Sempre que anuncio ações de formação ao clero, uso o nome da rubrica do programa das manhãs na Renascença, “Extremamente Desagradável”. Isto faz doer, mas este percurso está no início.

A Comissão Independente começou por divulgar nos ambientes fora da Igreja, em todo o lado, para evitar que daqui a um ano alguém diga que queria falar e não sabia que podia.

Isto não é uma questão de curiosidade, é uma questão de percebermos a realidade, de percebermos como é que a vivência em Igreja permitiu uma situação destas, precisamente para se tomarem medidas e criar as comunidades sãs e seguras. Pode criar alguma perplexidade, mas vai ter que ser, e todos nós podemos colaborar na divulgação.

A Igreja deve retirar, preventivamente, da atividade pastoral e sem hesitação, o abusador identificado, mas não o deve abandonar, porque “a redenção é sempre possível”, embora só com a “admissão de culpa”.

*Igreja Viva - Na Suíça existe um projeto que permite às vítimas de abusos participar em programas voltados para a reconciliação com os seus agressores. Considera que há hipótese de procurar seguir esse exemplo em Portugal e procurar essa reconciliação?*

D. Nuno - Nós vamos ter que chegar aí. Infelizmente ainda não temos possibilidade disso, porque implica criar uma estrutura específica e perceber os recursos que existem em várias áreas. Precisamos de conhecer estas boas práticas em pormenor antes de avançar também em Portugal com percursos de cura e reconciliação, e vou procurar perceber melhor esse projeto na Suíça.

É sempre muito complicado conjugar a justiça, a verdade e a misericórdia. Nós não podemos abandonar os agressores, mas isso também não pode significar faltar ao respeito às vítimas ou desvalorizar o problema. O alegado agressor não pode ser abandonado.

O primado é o da justiça, claro, mas não pondo de lado a possibilidade de redenção, de perdão, reconciliação e cura.

A Igreja deve retirar, preventivamente, da atividade pastoral e sem hesitação, o abusador identificado, mas não o deve abandonar, porque a “redenção é sempre possível”, embora só com a “admissão da culpa” por parte do criminoso.

Como discípulos de Cristo, acreditamos que uma pessoa se

pode transformar, ninguém está irremediavelmente perdido. Há sempre essa possibilidade, mas tem de passar pela capacidade de admitir a culpa e pelo difícil equilíbrio entre a justiça, a verdade e a misericórdia.

Perante os indícios ou provas de abusos, no passado houve desvalorização, encobrimentos, transferência de sacerdotes de um lugar para outro, ingênuas reparações privadas na ilusão de compensar o dano sofrido pelas vítimas.

Foram, de facto, as vítimas que começaram a fazer ouvir a sua voz, a querer recuperar o tempo perdido por causa de sentimentos de culpa, de vergonha e de raiva, frustração e de escândalo, sobretudo por ver estes mesmos homens e mulheres seguirem em frente com a sua vida, muitas vezes numa ascendente carreira.

Na Igreja e suas instituições não podemos tolerar uma espécie de conspiração do silêncio, pois o silêncio mata emocionalmente tanto como os crimes dos próprios criminosos.

Temos e teremos, certamente, dias duros, de via purgativa, mas acreditamos que marcam uma nova era.

Mas há que reforçar uma nova consciência sobre o poder de cada um para saber ouvir e ler os sinais de alerta, pois não é possível manter a impunidade nem o silêncio.



2.

Igreja

Diocesana





## *Para uma cultura eucarística*

*Homilia proferida por D. José Cordeiro na Solemnidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, na Sé.*

### **1. Eucaristia, celebração do pão necessário**

A história desta festa está ligada às revelações da Beata Juliana de Liege, Bélgica (ela via, a partir de 1208, uma lua cheia incompleta, o que interpretou como ausência de uma festa especial para honrar a Eucaristia), e ao milagre eucarístico de Bolsena, Itália (Pedro de Praga, um sacerdote, dirigindo-se para Roma, celebrou a Eucaristia junto do lago de Bolsena, perto de Orvieto, e duvidando da presença real da Eucaristia, viu cair da Hóstia gotas de sangue). Mais tarde, o Papa Urbano IV promulgou esta festa em honra do “Santíssimo Sacramento do Altar”, com a Bula *Transiturus* de 11 de Agosto de 1264.

A referida Bula dava a seguinte motivação: «Apesar deste sacramento sagrado ser celebrado todos os dias no solene rito da Missa, no entanto, julgámos útil e digno que se celebre, ao menos uma

vez por ano, uma festa mais solene, em especial, para confundir e refutar a hostilidade dos hereges».

O centro desta festividade, por vontade do Papa, é, sobretudo, no âmbito do culto popular, onde ganhará relevo, a partir do final do século XIII, a procissão eucarística.

As razões da promulgação desta solenidade foram de várias ordens. Porém, poderemos mencionar algumas: a disciplina da penitência, ao tempo, era muito severa e muitos cristãos não comungavam facilmente, nascendo o desejo de contemplar a Hóstia; diante de muitas heresias, a Igreja teve necessidade de defender a realidade da presença de Cristo na Eucaristia; até chegar à criação de Congregações religiosas dedicadas ao culto e à adoração do Santíssimo Sacramento.

Uma festa eucarística fora do Tempo Pascal, onde nasce a Eucaristia, pode favorecer uma certa desarticulação da unidade própria do Ano Litúrgico. O que levaria a pensar numa duplicação da Quinta-feira Santa. Hoje, a solenidade do Corpus Domini, tal como aparece nos livros litúrgicos, adquiriu um profundo sentido eucarístico.

A Antífona do Magnificat das segundas Vésperas sintetiza de modo admirável o motivo desta celebração: «Ó sagrado banquete, em que se recebe Cristo e se comemora a sua paixão, em que a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória. Aleluia».

Este texto evidencia bem as três dimensões fundamentais da Eucaristia: memorial, sacrifício e banquete.

Jesus Cristo é o Pão vivo, aquele pão necessário que desce do Céu e se oferece como verdadeiro Corpo dado e sangue derramado, como o alimento da nossa vida de peregrinos até à comunhão plena com Deus e com os outros, para que Deus seja tudo em todos.

## 2. Congressos Eucarísticos em Portugal

Braga é um grande referencial da cultura eucarística: Congressos eucarísticos, Lausperene, celebração, adoração, santidade de muitos Arcebispos, Presbíteros, Diáconos, Pessoas consagradas, Leigos e Leigas.

Em 2024 irá comemorar-se o centenário do primeiro Congresso eucarístico nacional realizado na nossa querida Arquidiocese e aqui na encantadora cidade de Braga.

Até agora, celebraram-se 4 congressos eucarísticos nacionais: 3 em Braga (2 a 6 de julho de 1924; 7 a 13 de junho de 1974; 3 a 6 de junho de 1999) e um em Fátima (10 a 12 de junho de 2016).

Aqui em Braga, no primeiro Congresso Eucarístico Nacional, cruzaram-se muitas vidas de santidade, entre as quais três dos nossos arquidiocesanos, cujos processos de canonização estão em curso: Beata Alexandrina Costa, Frei Bernardo de Vasconcelos, OSB, e Padre Abílio Correia.

O Papa Francisco impele a Igreja para uma cultura eucarística, onde se evidenciem as atitudes: da comunhão, do serviço, da misericórdia: «capaz de inspirar os homens e as mulheres de boa vontade nos âmbitos da caridade, da solidariedade, da paz, da família, do cuidado da criação».

A Eucaristia, dom da caridade e mistério de vida eterna santifica a Igreja, ou melhor, “a Eucaristia faz a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia”.

O coração pulsante da missão é a oração pessoal e comunitária, sobretudo a Liturgia da Igreja.

O coração da oração é a Eucaristia, o sacramento dos sacramentos. «Sim, a Eucaristia é o sacramento por excelência do louvor ou da ação de graças pelos “mirabilia Dei” consignados na Escritura. (...) «Para dizer simplesmente, rezar diante do Santíssimo Sacramento, é ruminar o mistério do amor salvador de Deus tal como ele se revelou nas Escrituras» (L-M. Chauvet).

Com efeito, «A natureza gratuita da adoração remete-nos ao essencial. A comunhão com o Senhor purifica as nossas tendências ao sucesso, à ação, talvez à agitação, para permanecer na presença pacificante de Jesus» (F-X. Bustillo).

Hoje, o que fazemos nós da Eucaristia?

### 3. «Fazei isto em memória de Mim»

Jesus deixou-nos três mandamentos inseparáveis: «fazei isto em memória de Mim» (Lc 22,19), «ide, fazei discípulos entre todas as nações e baptizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28,19) e «amai-vos uns aos outros. Assim como Eu vos amei, também vós deveis amar-vos uns aos outros» (Jo 13,34).

A Eucaristia, dom da caridade e mistério de vida eterna, encontra aqui a sua íntima interligação, ou seja, o mandato litúrgico, o mandato missionário e o mandato da caridade completam-se harmonicamente.

Palavra e Eucaristia impelem à missão e à caridade. A relação celebração-evangelização-vida é dinâmica e conciliatória.

É verdade que a Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja. Celebrar a Eucaristia é, com efeito, reconhecer a centralidade do Senhor quando parte e reparte o pão e para juntos fazermos o mesmo.

Sim, «este é o principal e mais excelente de todos os sacramentos», como escreveu São Bartolomeu dos Mártires.

A origem da Eucaristia situa-se na última ceia de Jesus com os seus discípulos. Jesus tomou o pão, deu graças a Deus, partiu o pão e deu-o aos seus discípulos, dizendo que o tomassem e comessem, porque aquilo era o seu corpo. Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice, deu graças, deu-o aos seus dis-

cíbulos, dizendo que o tomassem e bebessem, porque aquele era o cálice da aliança no seu sangue. Por fim, Ele disse: «Fazei isto em memória de Mim» (Lc 22,19; 1Cor 11,25b-26).

Deste modo, a Eucaristia é a obediência ao mandato de Cristo e a realização daquilo que Ele mesmo fez no cenáculo em Jerusalém.

As narrações do Novo Testamento referentes à Eucaristia na última ceia descrevem as ações de Jesus que a Igreja deve seguir: 1) tomou o pão; 2) deu graças; 3) partiu-o; 4) deu-o; 5) dizendo...); 6) tomou o cálice; 7) deu graças; 8) deu-o; 9) dizendo.... Este tornou-se o modelo da celebração eucarística.

O pão e o vinho, os elementos constitutivos desta ceia ritual, são especificados pelas duas orações que o acompanham, isto é, a bênção para o pão e a ação de graças para o cálice.

Estas orações recitadas por Jesus na ceia são o modelo da oração eucarística ou anáfora da Igreja.

No Evangelho de S. João não se narra a instituição da Eucaristia como nos outros evangelhos, mas nos discursos de Jesus durante a última ceia, no gesto do lava-pés aos discípulos e na entrega do mandamento novo do amor «que vos ameis uns aos outros; como vos amei, que também vós vos ameis uns aos outros» (Jo 13, 34) revela o Seu amor total de eterna vida.

Desde os primeiros testemunhos, esta Liturgia foi chamada “Eucharistía”, termo grego que significa “ação de graças” e que designa tanto a oração de ação de graças que é recitada, à imitação de Jesus, como o pão e o vinho da alegria plena.

Como Nicolau Cabasilas, podemos então proclamar: «Oh sublimidade dos mistérios!»

## Alzira Sobrinho

*A aldeia de Pereira, no concelho de Mirandela, recebeu em 10 de junho a I Jornada de Espiritualidade Eucarística. D. José Cordeiro pediu a abertura de processo de canonização de Alzira Sobrinho.*

D. José Cordeiro pediu “tanto quanto possível” a abertura do processo de canonização de Alzira Sobrinho, fundadora da Congregação das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado.

A irmã Alzira Sobrinho, “que adotou o nome religioso de Ir. Maria de S. João Evangelista”, é, disse, “um modelo daqueles que confiam plenamente em Deus e não se deixam vencer pelos temores humanos, pelas dificuldades da vida, pelas contrariedades, pelas perseguições”, assim como “modelo de firmeza, uma mulher que sabe o que quer e que não desiste até ao fim do fim”.

Assinalou o testemunho de Alzira Sobrinho e também de Maria Augusta Martins, que a Congregação define como “duas mulheres grandes de Pereira, sob cujo empenho se fundou a Congregação das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado, convidando-as a ser pão para os outros”.

A Ir. Emília Seixas, superiora geral das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado, referiu-se à “irradiação do Carisma da Irmã Maria de São João Evangelista na Congregação que fundou e no Movimento Eucarístico de Leigos que dela partilha a espiritualidade e a missão”, e desafiou “todos os participantes a aprofundarem a sua relação com Jesus no Sacramento da Eucaristia, a exemplo da Ir. S. João”.

Os trabalhos da Jornada de Espiritualidade contaram ainda com o cónego Silvério Benigno Pires, que apresentou a biografia

de Alzira Sobrinho, e Pedro Sinde, que começou a trabalhar “nos escritos de Alzira Sobrinho”, falecida há 40 anos.

## S. JOÃO BATISTA

*Homília de D. Nuno Almeida, em dia de S. João Batista, em Braga.*

Caríssimos irmãos e irmãs!

1. Celebramos a festa do nascimento de São João Batista. «*Quando Isabel teve um filho, os seus vizinhos e parentes partilhavam da sua alegria*» (Lc 1, 58)

Também nós nos alegramos com o seu nascimento e aprendemos «*a saltar de alegria*» (Lc 1,41) pelo dom da vida, ou seja, “*a saborear simplesmente as múltiplas alegrias humanas que o Criador já coloca no nosso caminho: a alegria exaltante da existência e da vida; a alegria do amor casto e santificado; a alegria pacificadora da natureza e do silêncio; a alegria, às vezes austera, do trabalho cuidadoso; a alegria e satisfação do dever cumprido; a alegria transparente da pureza, do serviço, da participação; a alegria exigente do sacrifício*” (Paulo VI, *Gaudete in Domino*, 1).

2. Em contexto bíblico, o filho primogénito recebia habitualmente o nome do seu pai. Mas Isabel foi muito clara: «*Não, não, o menino chamar-se-á João!*» (Lucas 1,60). O seu pai, Zacarias, porque estava

mudo, pediu uma tabuinha de cera e escreveu: «O seu nome é João!», o que provocou o espanto de todos os presentes (Lucas 1, 62-63).

Porquê, então, o nome de João, se, no livro anagráfico daquela família, ninguém tinha esse nome? O que significa o nome João?

Em hebraico, significa literalmente «*Yavé faz Graça*».

E o que é «*fazer graça*»?

De forma plástica e concreta, é uma mãe que embala ternamente o seu bebé nos braços e baixa para ele o olhar carinhoso, bondoso, maravilhoso, gracioso, sorridente, benfazejo, maternal. É este duplo gesto de carinho maternal (embalar e baixar o olhar sobre o bebé) que é a Graça bíblica. Sobretudo aquele olhar belo, enternecido, embevecido, maternal, que enche o bebé de graça.

É assim que Deus olha para nós, e nos acaricia. É assim que Maria é saudada pelo Anjo com aquele: «*Alegra-te, Cheia de Graça!*» (Lucas 1,28).

3. «*Quem virá a ser este menino? Na verdade, a mão do Senhor estava com ele. O menino ia crescendo e o seu espírito fortalecia-se. E foi habitar no deserto até ao dia em que se manifestou a Israel*» (Lucas 1, 80).

João Batista será a “*voz que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas*” (Mt 3, 3).

João, o Batista, nasceu para ser Voz! Voz de fogo que pronuncia palavras cáusticas, ou o mesmo será dizer, palavras que queimam e que cortam a eito, como quem rasga caminhos novos.

É João Batista que hoje nos dá a coragem de dizer por aqui não, face a tantas propostas já gastas e a tantas respostas falhadas e a tantos estilos de vida pessoais, familiares e sociais doentios.

O tempo tão complexo e incerto que estamos a viver precisa de gente que não tenha medo de sujar as mãos e os pés, de estalar o verniz se necessário, de incluir os excluídos, de integrar os diferentes, de valorizar a riqueza da variedade, de abraçar todos aqueles que, muitas vezes, esquecemos ou ignoramos ou de quem desviamos o nosso olhar.

Muitos dirão que este desafio de caminhar juntos, numa Igre-



ja sinodal e samaritana, é um caminho cheio de riscos. Mas é preferível uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas do mundo a uma Igreja autorreferencial, enferma, a cheirar a mofo por estar fechada, acomodada, agarrada às suas próprias seguranças (cf. EG 49).

Neste tempo de pandemia e de tanta incerteza, comecemos por tentar descobrir quem precisa do nosso cuidado, atenção e ternura, na nossa própria família, na nossa comunidade cristã, no nosso bairro ou na nossa rua. Prestemos toda a nossa atenção aos mais esquecidos, aos mais ignorados, aos mais desprezados, sendo ativos e criativos no bem que é preciso fazer por eles.

Não precisamos de mais comissões e reflexões sobre o fenómeno disto e daquilo, aprendamos de João Batista a passar às ações, pois do *“amor verdadeiro nascem gestos”!*

4. Caríssimos irmãos e caríssimas irmãs, para sermos fiéis ao amor, comecemos por não olhar ninguém de lado, que o nosso olhar nunca seja altivo, cobiçoso ou desconfiado, mas sempre desarmado e fraterno como o de João Batista, como o de Jesus Cristo! Não deixemos ninguém sozinho, nem à beira do caminho.

Não precisamos de novos Messias, salvadores que em vez de dar a vida, a pedem, que em vez de se vergarem para desatar as sandálias dos outros, exploram os que a vida tirou para o chão.

É de testemunhas que o nosso mundo precisa!... De testemunhas que *«viram a Luz do Salvador»* e a querem irradiar na escuridão.

Se calhar até falamos de mais, mas muitas vezes falta a nossa voz quando é preciso tomar posição pela verdade, pela justiça, pela honestidade, pela defesa da vida humana, desde o primeiro até ao último instante, com um sim claro à inviolabilidade e dignidade da vida humana e um não claríssimo ao aborto e à eutanásia, mesmo se a maioria dos deputados do Parlamento Português os aprova.

Mas *«não matar»* não é apenas não praticar o homicídio ou não atentar o suicídio. Quem odeia o seu irmão é um homicida (1 Jo 3,15): também a ira e a raiva, a indiferença ou o desprezo

pelo outro, a maledicência e a difamação, o mexerico e a calúnia, são armas de destruição maciça, que matam verdadeiramente.

“*Não matar*” não nos exige apenas depor as armas da violência, mas implica entrar na luta pelo cuidado e pela defesa da vida e da sua dignidade, que permanece inalterável, desde a sua concepção inicial ao seu ocaso natural.

5. Precisamos da alegria da festa! Como será possível, no meio dos dramas e incertezas da hora presente, semear esperança e alegria? Se todos os dias e a todos as horas vemos imagens infernais da guerra da Ucrânia e choramos e rezamos por este povo barbaramente martirizado?

Antes de mais, não cedendo à lógica do mundo egoísta e violento que matou João Batista, mas abrindo o nosso coração para que todos possam ser nossos irmãos, amigos e companheiros e para que aceitemos o risco de fazer da fraternidade que é - nas palavras do Papa Francisco - «*a nova fronteira da humanidade*».

Será possível semear esperança se cultivarmos a escuta de coração aberto, sem negociar convicções, mas dispostos a proclamar em gestos que «*um mundo sem irmãos é um mundo de inimigos*». Não mundanos, mas mais humanos - como nos ensina João Batista!

6. Não tem hoje grande importância distinguir entre sagrado e profano, pagão e cristão. Importa, sim, estarmos vigilantes, especialmente nesta hora difícil, para que as festas populares não nos tornem mundanos e desumanos.

Em tempo de pandemia, urge que as festas nos filializem (sentirmo-nos de verdade filhos muito amados de Deus), nos fraternizem (olharmos para quem está ao nosso lado e para todos com um olhar verdadeiramente fraterno) e nos humanizem, ou seja, nos melhorem e movam a cuidar, com respeito e amor, uns dos outros, a começar pelos mais vulneráveis.

Que São João Baptista, padroeiro destas seculares festas bracarenses, a todos abençoe: as famílias que vivem, lutam e labutam neste

cidade e concelho, as instituições públicas, associativas e privadas, as autoridades e entidades que estão ao serviço do bem comum, todas as comunidades cristãs e todos os homens e mulheres de boa vontade!

*Ó ditoso São João Batista,  
príncipe dos profetas, precursor do divino Redentor,  
primogénito da graça de Jesus e da intercessão da  
sua Santíssima Mãe, que fostes grande diante do Senhor,  
pelos estupendos dons da graça que  
maravilhosamente recebestes desde o  
seio materno, e por vossas admiráveis virtudes,  
alcançai-nos de Jesus o dom da alegria espiritual  
e o caminho da salvação e da paz.  
São João Batista, rogai por nós!*

## *Encontro Mundial das Famílias*

*D. Nuno Almeida presidiu em 26 de junho, no Sameiro, a uma celebração eucarística integrada no encerramento do X Encontro Mundial de Famílias.*

### **Introdução**

Que bom termos estado em ligação direta com o Papa Francisco e com o X Encontro Mundial das Famílias, que decorreu em Roma, em sintonia com as dioceses de todo o mundo!

Nesta Eucaristia, damos graças a Deus por tudo o que o Espírito Santo semeou através deste importante acontecimento que hoje termina em Roma. Damos graças pela partilha de experiências, pelas reflexões, pelos belos momentos artísticos, pelos propósitos e sonhos.

Tudo apresentamos ao Senhor para que Ele a todos envolva com o seu amor: pais, mães, filhos, avós, tios ... cada um com uma experiência de família, mas todos com a mesma esperança feita oração: que Deus abençoe e proteja as famílias, as que aqui se encontram, as famílias da nossa Arquidiocese e todas as famílias do mundo.

Sou portador de uma mensagem e saudação do Senhor Arcebispo, D. José Cordeiro, que se congratula por este encontro, organizado pelo Departamento da Pastoral Familiar a quem agradece. Saúda todas as famílias, especialmente os casais que aqui se encontram para celebrar o aniversário do seu matrimónio.

## HOMILIA

Caríssimos irmãos e irmãs!

1. Ontem o Papa Francisco afirmou que “todas as leituras da liturgia deste domingo, providencialmente falam de vocação, que é precisamente o tema do X Encontro Mundial das Famílias: “O amor familiar: vocação e via de santidade”.

Com a força desta Palavra de Vida – prosseguiu o Papa – encorajo-vos a retomar o caminho do amor familiar, partilhando com todos os membros da família a alegria deste chamamento.

Não é uma estrada fácil, não é um caminho cómodo: haverá momentos de escuridão, momentos de dificuldade em que se pensa que tudo está terminado.

Que o amor que viveis entre vós esteja sempre aberto aos outros, capaz de “tocar” os mais frágeis e feridos que encontrais pelo caminho: frágeis no corpo e frágeis na alma.

O amor, de facto, também o familiar, purifica-se e reforça-se quando é doado”.

2. “Jesus tomou a firme resolução de se dirigir a Jerusalém” (Lc 9,51)!

Doravante, Jesus segue em frente, sem que nada O demova de

cumprir a vontade do Pai e de realizar a Sua obra.

Jesus é realmente um homem livre, que não hesita em dispor da Sua vida para no-la dar livremente e nos amar assim até ao fim, de cumprir da Sua missão, que culminará na Sua entrega, paixão, morte e ressurreição.

A decisão de Jesus é radical e total, e quantos O seguem são chamados a confrontar-se com ela.

“Seguir Jesus – afirmou ontem Papa Francisco – significa pôr-se em movimento e permanecer sempre em movimento, sempre em “viagem” com Ele através dos acontecimentos da vida.

Quanto isto é verdadeiro para vós casados! Também vós, respondendo ao chamamento ao matrimónio e à família, deixastes o vosso “ninho” e iniciastes uma viagem, da qual não conheceis antecipadamente as etapas, e que vos mantém sempre em movimento, com situações sempre novas, inesperadas, surpreendentes, algumas dolorosas.

Assim é o caminho com o Senhor. É dinâmico, é imprevisível, é sempre uma descoberta maravilhosa. Recordemos que o repouso de qualquer discípulo de Jesus está no fazer cada dia a vontade de Deus, qualquer que seja”.

**3.**A vocação ao matrimónio não se refere a relacionamentos fugazes, que se conectam e desconectam, mas a relacionamentos fundados sobre a estabilidade, a fidelidade e a indissolubilidade.

Constatamos como tudo isto está em contradição com a cultura atual alicerçada sobre a desconstrução, a instabilidade e fundada sobre uma cultura do provisório.

São incisivas e oportunas as palavras do Papa Francisco pronunciadas ontem no Encontro Mundial das Famílias: “Ao afirmarmos a beleza da família, sentimos mais do que nunca que devemos defendê-la. Não permitamos que seja inquinada pelo veneno do egoísmo, do individualismo, da cultura da indiferença e do descarte, e perca assim o seu “DNA” que é o acolhimento e o espírito de serviço. Os traços próprios da família: o acolhimento e o espírito

de serviço dentro da família”.

A família é, portanto, um mistério de amor: amor conjugal, maternal, paternal, filial, fraternal, amor dos avós pelos netos e dos netos pelos avós, dos tios pelos sobrinhos, etc. Nada mais constitui, liga, constrói e reconstrói a família senão o amor!

E se os laços familiares são, hoje, tão frágeis e tantos casais se separam e tantas famílias vivem a tristeza da divisão e até da violência e maus-tratos, é porque o amor se apaga, ou nunca existiu!

Voltamos ao Papa Francisco que ontem lembrou mais uma vez que “a família é o lugar do encontro, da partilha, do sair de si mesmo para acolher o outro e para se fazer próximo. É o primeiro lugar onde se aprende a amar. Nunca esquecer isto: a família é o primeiro lugar onde se aprende a amar”.

**4.**A viagem da vida deve ser feita com os pés bem assentes “na terra” e o espírito e o olhar voltados “para o céu”.

Tudo isto é ainda mais necessário para a família cristã que deverá ser tecida, “artesanalmente”, pelos fios da conjugalidade, parentalidade e fraternidade místicas, realistas e oblativas. O mesmo será dizer por um amor místico, realista, oblativo e belo.

O amor que gera e une a família permanecerá se for alimentado, sustentado, confrontado e se está em comunicação com o amor de Deus.

Tudo isto começa no dia em que é celebrado o Sacramento do Matrimônio, pois podemos mesmo dizer que o Sacramento do Matrimônio é Deus a amar em dois corações humanos, dois corações de carne.

Mais do que nunca as nossas famílias têm necessidade de uma verdadeira “transfusão” deste amor divino. É o amor que vem do Alto que permanentemente renova as famílias e as abre às outras famílias, à Igreja e à sociedade.

**5.**Para que “o amor familiar seja vocação e via de santidade” terá de ser alimentado pela graça de Deus que recebemos na oração

diária e na participação da Eucaristia.

São também cada vez mais importantes os pequenos grupos de famílias, onde se possa escutar juntos a Palavra de Deus. Trata-se de procurar abrir os ouvidos e o coração à Palavra de Deus juntamente com os que estão à nossa volta, deixando que dê sentido à vida, para que sejam vividos com beleza as circunstâncias festivas e com coragem os momentos de prova e sofrimento. É para isto há que multiplicar pequenos grupos ao redor da Palavra de Deus.

6. Caríssimos esposos aniversariantes: queremos celebrar convosco esta vossa etapa jubilar. É caminho a percorrer, dia após dia. Mas tal não é “possível, se não se invoca o Espírito Santo, se não se clama todos os dias pedindo a sua graça, se não se procura a sua força sobrenatural, se não Lhe fazemos presente o desejo de que derrame o seu fogo sobre o vosso amor para o fortalecer, orientar e transformar em cada nova situação” (cf. AL 164).

“A Igreja está convosco, ou melhor, a Igreja está em vós! A Igreja, de facto – lembrou ontem o Papa Francisco – nasceu de uma Família, a de Nazaré, e é feita principalmente de famílias. Que o Senhor vos ajude em cada dia a permanecer na unidade, na paz, na alegria e também na perseverança nos momentos difíceis, aquela perseverança fiel que nos faz viver melhor e mostra a todos que Deus é amor e comunhão de vida”. Amen!

## *Não à eutanásia!*

Não lutemos por uma morte assistida, mas por uma vida assistida e amorosamente cuidada até à morte. Sempre pela vida, até à morte. Mas nunca pela morte, antes da vida. Não à eutanásia e ao suicídio assistido!

«Não matar» não é apenas não praticar o homicídio ou não atentar o suicídio. Quem odeia o seu irmão é um homicida (1 Jo

3,15): também a ira e a raiva, a indiferença ou o desprezo pelo outro, a maledicência e a difamação, o mexerico e a calúnia, são armas de destruição maciça, que matam verdadeiramente. E hoje, Jesus diria: também a eutanásia, isto é, “qualquer gesto ou omissão, que, por sua natureza e nas intenções, provoca a morte, com o objetivo de eliminar o sofrimento” (EV 65) é uma falsa compaixão e atenta contra o direito à vida, que nunca perde, em caso algum, a sua dignidade.

“Não matar” não nos exige apenas depor as armas da violência, mas implica entrar na luta pelo cuidado e pela defesa da vida e da sua dignidade, que permanece inalterável, desde a sua concepção inicial ao seu ocaso natural.

Sempre pela vida a cantar, também vais poder descobrir, todos juntos vamos gritar: dá a vida que há dentro de ti!

*D. Nuno Almeida, no Facebook. 09 junho.*

## *Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo!*

Hoje, o cristão e os pregadores da Palavra, para poderem penetrar no inefável mistério da Trindade, deverão ser contemplativos.

Confiamo-nos ao Espírito, pedindo para que nos auxilie no conhecimento do mistério da Trindade. A estrada, que somos convidados a percorrer, não nos leva tanto a “saber”, mas a contemplar.

A solenidade que celebramos convida-nos a vislumbrar o Paraíso: a vida indizível, onde o Pai, o Filho e o Espírito Santo vivem um intenso e profundo relacionamento de comunhão.

Também nós podemos participar no amor dos Três, pois este amor está “derramado nos nossos corações”, como escreve S. Paulo. A todos nós é, então, oferecida a hipótese de saborear o amor, o perdão e a doçura deste estupendo amor.



Somos filhos de um Pai, Deus antes de nós, criador, origem de todas as coisas, que nos ama imensamente. Somos amigos de Jesus que vive ao nosso lado, toma sobre si as nossas fragilidades, os males, o pecado, dando-nos o perdão e a salvação, é Deus conosco e para nós. Somos consolados pelo amor do Espírito Santo, alento em cada tribulação, é Deus em nós e a agir na Humanidade.

Perguntamo-nos: é possível viver sobre a terra esta humana e divina aventura trinitária?

Sim ..., se nos amarmos: o amor recíproco deve tornar-se o estilo de vida do cristão.

A nossa fé em Deus Trindade de Amor não é, portanto, “evasão” dos homens e mulheres no mundo, mas “invasão” de Deus no mundo dos homens e mulheres.

A Trindade, sempre mistério, tornou-se uma Palavra, um abraço que nos faz saborear desde agora e até à eternidade: amo-te, não morrerás!

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo!

*D. Nuno Almeida. Facebook, 11 de junho.*

## *Assembleia sinodal arquidiocesana*

No final da síntese arquidiocesana pode ler-se que para preservar e potenciar este processo sinodal é precisa a “criação de pequenos grupos, isto é, de pequenas comunidades de fé, num ambiente afetuoso e próximo, para a escuta e partilha da Palavra de Deus, sendo promotoras de verdadeiro encontro com o Senhor Jesus”.

De facto, se pensarmos na imagem paulina da Igreja como um corpo, então são essenciais células eclesiais, onde é possível fazer a experiência dos discípulos de Emaús que descobrem Jesus Cristo como companheiro, contemporâneo e conterrâneo, visível, tangível e audível.

Tomamos consciência de que a vida cristã tem um centro, que é Jesus Cristo Vivo e o seu Evangelho, mas não tem fronteiras nem limites!

*D. Nuno Almeida. Facebook 14 junho 2022*

## *Atividades pastorais*

*junho/2022*

*D. José Cordeiro*

Nota: publicamos em itálico textos inseridos no Facebook, como fizemos no mês passado.

- 01 - Participou no Museu D. Diogo de Sousa no 4.º aniversário da associação UAI - União, Apoio e Integração, que auxilia no acolhimento, na inserção e na integração da comunidade luso-brasileira em Portugal, com sede em Braga

*Não sei o que seria da sociedade portuguesa se não fossem as Misericórdias, os Centros Sociais e Paroquiais e outras instituições de cariz social, sobretudo durante o pico da pandemia.*

*Têm um papel fundamental no atendimento àqueles que mais precisam. Bem hajam!*

- 02 - *A Assembleia Diocesana Sinodal aproxima-se e a participação de todos é essencial.*

*Depois da síntese realizada, o Sínodo deve continuar. Que sejamos capazes de continuar a caminhar juntos, semeando e colhendo bons frutos.*

- 03 - Visitou as instalações do Colégio João Paulo II nos pólos das Sete Fontes e de Dume.

Participou numa procissão de velas em Maximinos.

- 04 - Presidiu no Auditório Vita à oração com que principiou o Dia do Coordenador.

Formação Salama.

Vigília de Pentecostes.

*Hoje é Dia Internacional das Crianças Inocentes Vítimas de Agressão.*

*Garantir boas condições, um lar seguro, espaço para brincar e para ser criança não é apenas um dever dos professores e famílias. É um dever de todos nós!*

*Rezemos pelo direito de as crianças poderem ser crianças!*

- 05 - Integrou, a pé, a peregrinação que foi da Catedral para o Sameiro.

*Solenidade de Pentecostes.*

*Em Domingo de Pentecostes, deixemo-nos iluminar pelo fogo do Espírito Santo, que derrama sobre nós os seus dons, a sua misericórdia e a sua luz.*

*Amém*

- 06 - Dia dos arceprestes.

- 07 - *A vida inteira é um caminhar e uma peregrinação, sendo a grande diferença se ela é realizada sozinho ou com Cristo. Ainda que seja longa a caminhada e sintamos cansaço, devemos ser firmes na fé e generosos na caridade.*

- 08 - Participou no Espaço Vita na iniciativa do Correio da Manhã e da CMTV, “Mais Escola, Melhor Família”.  
Visita à Human Power Hub  
Reunião de moderadores de Pastoral das escolas católicas.

- 09 - Concerto da Banda das Forças Armadas.

Inauguração de um monumento ao trabalho infantil, de José Pedro Croft.

*D. José Cordeiro considerou de “grande importância” que a cidade receba este ano as comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, sublinhando que, nesta região do país, “o futuro já se sente”.*

*“Vejo com muita esperança estas comemorações que não*

*são apenas um mero elemento de calendário, mas tem um significado muito profundo do sentido da cultura, da espiritualidade, da economia, da política, da sociedade, para um desenvolvimento integral”, disse, em declarações à Agência Citou São Paulo VI, lembrando que o Papa italiano dizia que “o desenvolvimento integral é o novo nome da paz”. “No contexto europeu e mundial que vivemos, nesta crise, e também da travessia de pandemia, é importante este sinal aqui, em Braga, para Portugal e daqui alargar os horizontes para o mundo em que vivemos sob este olhar de paz e esperança”, afirmou também.*

*Falou de Braga como uma região “muito jovem, muito procurada, multicultural”, no qual se projeta “um olhar de esperança e de conjunto ao serviço do bem comum e da dignidade da pessoa humana”.*

*Há uns dias, um amigo dizia-me que as crianças já não obedecem aos pais e aos professores... mas imitam-nos!*

*Que todos sejamos capazes de ser verdadeiros modelos de integridade, honestidade, compaixão e misericórdia, para que o futuro seja repleto de paz e amor.*

- 10 - *Hoje, que celebramos o Dia de Portugal, gostaria de recordar algumas palavras do Papa Francisco.*

*“O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum.” (LS, 13). Cuidemos sempre não só do nosso país, mas também da nossa casa comum!*

- 10 - *Dia de Portugal.*

*Participou, no Bom Jesus, numa receção ao Corpo*

Diplomático, promovida pela Câmara Municipal de Braga.

Encontro MalÁmen, no Seminário Menor.

Participou no Centro Pastoral Universitário, em Gualtar, no encerramento de mais um ano de atividades.

- 11 - Presidiu ao encerramento de um Curso de Cristianidade.

Presidiu à celebração do Crisma no Colégio D. Diogo de Sousa, em Braga. Numa Missa campal receberam o sacramento da Confirmação 321 alunos, duas professoras e uma auxiliar. No fim da Missa ofereceu a cada crismado uma biografia do Venerável Bernardo de Vasconcelos.

*Não basta estar com Maria, mas é preciso ser como Maria, e sermos habitados pelo Espírito Santo.*

*É para Jesus Cristo que Ela nos conduz. Que na plenitude deste mistério sintamos que é para toda a vida!*

- 12 - Presidiu na igreja de Fraião, em Braga, à Missa de encerramento de um acampamento promovido pela FNA (Fraternidade Nuno Álvares).

- 13 - Presidiu a uma Missa Campal na Praça Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão, integrada no programa das festas concelhias em honra de Santo António. Benzeu o «pão de Santo António» (cerca de quatro mil broas).

*O pão é sinónimo do vital e símbolo da partilha porque só na partilha está a riqueza de cada um de nós.*

- 14 - Presidiu no Espaço Vita a uma assembleia diocesana sinodal.

- 16 - Presidiu na Sé à solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo. Sé Corpo de Deus.

- 18 - Encontro Diocesano do CPM, no Centro Cultural e Pastoral da Arquidiocese.

Na igreja paroquial de Ribas, Celorico de Basto, presidiu à Missa de Bodas de Oiro Paroquiais do P. Albano Fernandes da Costa.

Na Igreja de S. Paulo assistiu ao concerto «Música pela saúde e pela paz».

- 19 - Presidiu em Calvos, arciprestado de Guimarães e Vizela, à Missa integrada na Ronda da Lapinha.

Na igreja de Galegos S. Martinho, arciprestado de Barcelos, presidiu à celebração do Crisma e inaugurou obras de restauro. Os crismados, em número de 25, pertenciam às paróquias de Santa Maria e de S. Martinho.

*Na peregrinação da Senhora da Lapinha encontrei uma manifestação de fé impressionante, verdadeiro património cultural e espiritual. Temos que ter a alegria de nos reunirmos em torno do altar e na companhia da Mãe, não apenas para estarmos, mas para sermos como Ela.*

- 20 a 22 - Participou em Fátima nas jornadas pastorais da Conferência Episcopal Portuguesa.

*Não podemos deixar de ser cidadãos e cristãos ao mesmo tempo, responsáveis na construção do bem comum, da dignidade da pessoa humana, mas com este valor acrescentado da fé, da adesão a Jesus Cristo, sem medo, sem preconceitos, sem complexos de inferioridade!*

- 23 a 26 - Presidiu à celebração do Crisma na Comunidade Portuguesa de Gentilly, em Paris.

*Foi muito bom participar nas Jornadas Pastorais do Episcopado, no Santuário de Fátima, sobre o tema “Sinodalidade nas Igrejas locais e na missão da Conferência Episcopal”. Contamos com sacerdotes e leigos de várias dioceses e estivemos em verdadeira comunhão. A partilha só nos enriquece. Que sejamos capazes de continuar a caminhar juntos!*

- 27 - Crisma na Paróquia Portuguesa do Sagrado Cora-

ção de Jesus, Gentilly, Paris, com 50 adolescentes e jovens com família em várias dioceses portuguesas, especialmente em Braga.

- 29 - Participou no Vaticano na Eucaristia da bênção do pálio que lhe será imposto pelo Núncio Apostólico em 10 de julho.

*D. Nuno Almeida*

- 03 - Esteve presente no concerto acústico de Jorge Palma, no Espaço Vita.
- 04 - Interveio no Dia Arquidiocesano do Coordenador, no Espaço Vita.  
Presidiu à Eucaristia e celebração do Crisma na paróquia de S. Lázaro, no arceparceiro de Braga.  
Esteve presente na homenagem ao Pe. Porfírio, no Salão Paroquial de Alheira, no arceparceiro de Barcelos.
- 05 - Participou e concelebrou na Peregrinação de Nossa Senhora do Sameiro.  
Presidiu à Eucaristia de inauguração e bênção das obras de requalificação da Igreja Paroquial de Vila Nova de Sande, arceparceiro de Guimarães/Vizela.
- 06 - Participou num encontro de Arciprestes e Vice-Arciprestes, na Apúlia.
- 08 - Presidiu à Eucaristia de envio das Equipas Reitores dos Cursos de Cristandade de Homens e Senhoras, na Apúlia.  
Participou numa reunião, por teleconferência, da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios.
- 09 - Presidiu à Eucaristia no Seminário Conciliar de Braga.
- 10 - Presidiu à Eucaristia da Profissão de Fé no Colégio D. Diogo de Sousa, em Braga.  
Participou num convívio de ex-seminaristas na Capela da Imaculada.

- 12 - Presidiu à Eucaristia da Primeira Comunhão no Colégio D. Diogo de Sousa, em Braga.
- 13 - Presidiu à Festa de Santo António em Barcelos, precedida de convívio com a comunidade dos Capuchinhos.
- 14 - Presidiu, na Igreja Matriz de Barcelos, à Eucaristia do 10º aniversário da Universidade Sénior.  
Presente no convívio de fim de ano do Seminário Interdiocesano de S. José.  
Participou na Assembleia Sinodal Arquidiocesana, no Espaço Vita.
- 16 - Presidiu à Eucaristia e Procissão do Corpo de Deus, em Vila do Conde..
- 18 - Presidiu à Eucaristia e Crisma em Areias de Vilar, arceprelado de Barcelos.
- 20 a 22 - Participou nas Jornadas Pastorais da CEP, em Fátima.
- 23 - Esteve presente na Palestra do Clero de Amares.
- 24 - Presidiu à Eucaristia e Procissão de São João, na cidade de Braga.
- 25 - Presidiu à Eucaristia e Procissão do Corpo de Deus, Presidiu à Eucaristia e Crisma em Vila das Aves, arceprelado de Vila Nova de Famalicão.  
Presente num encontro dos Diáconos Permanentes da Arquidiocese de Braga.
- 26 - Presidiu à Eucaristia, no Sameiro, do X Encontro Mundial de Famílias.  
Presidiu à Eucaristia e Crisma arceprestal em Fafe.
- 27 - Participou numa reunião da Comissão Laicado e Família, em Fátima.
- 28 - Participou numa reunião do Departamento Pastoral dos Jovens da Arquidiocese em ordem à JMJ.
- 29 - Presidiu à Festa de S. Pedro no Tournal, em Guimarães.  
Presidiu à Eucaristia de S. Pedro e S. Paulo no Seminário Conciliar, durante a qual os quatro candidatos





## 2. Serviços Centrais

ao diaconado fizeram a profissão de fé.

- 30 - Presidiu à Eucaristia e Crisma em Avidos, arceprelado de Vila Nova de Famalicão.

## *Solenidade do Corpo de Deus*

Nota da Vigararia Geral.

Lembramos, por assertivo, da Exortação Apostólica Pós-Sinodal, sacramento da Caridade, o n° 68.

“ O relacionamento pessoal que cada fiel estabelece com Jesus, presente na Eucaristia, recondu-lo sempre ao conjunto da comunhão eclesial, alimentando nele a consciência da sua pertença ao Corpo de Cristo. Por isso, além de convidar cada um dos fiéis a encontrar pessoalmente tempo para se demorar na oração, diante do sacramento do altar, sinto o dever de convidar as próprias paróquias e demais grupos eclesiais a promoverem momentos de adoração comunitária. Obviamente, conservam todo o seu valor as formas já existentes de devoção eucarística. Penso, por exemplo, nas procissões eucarísticas, sobretudo a tradicional

Procissão da Solenidade do Corpo de Deus...”

## *Santa Missa e Procissão do Corpo de Deus*

A Solenidade do Corpo de Deus, que este ano se celebra no dia 16 de junho, exprime-se publicamente na Procissão, de longa tradição histórica, que reclama a nossa presença participativa.

A Eucaristia será celebrada, na Catedral, às 17h00, seguindo-se a Procissão, pelas 18h00.

Espera-se a comparência de todos os sacerdotes residentes na área da cidade (diocesanos e religiosos), dos alunos dos Seminários e dos membros das Congregações e Institutos Religiosos.

As paróquias da Cidade e do Arciprestado de Braga que puderem comparecer deverão concentrar-se, as da zona Cávado, na Praça do Município; as da zona Oeste-Veiga, nas proximidades da Igreja de S. Paulo; as da zona Cidade-Este, à volta da Catedral. A concentração deverá acontecer por volta das 17,30h.

A Procissão sairá da Catedral, descerá a Rua D. Paio Mendes, seguirá pela Av. S. Miguel o Anjo, Arco da Porta Nova, Rua D. Diogo de Sousa, Largo do Paço, Rua do Souto, Rua de S. Marcos, Rua D. Afonso Henriques, Rua D. Frei Caetano Brandão e novamente Rua D. Paio Mendes.

Em frente à Catedral, onde tudo termina, far-se-á a Adoração Eucarística.

Cada paróquia trará um estandarte eucarístico ou bandeira do Coração de Jesus e será acompanhada pelo seu pároco.

Na procissão, deverão associar-se, com fé e piedade, o maior número de fiéis, recordando que a unidade da Igreja se realiza mediante o Sacrifício e a Comunhão do Corpo e Sangue do Senhor e a Eucaristia é escola de Comunhão eclesial.

*Vigaria Geral da Arquidiocese de Braga*

## *Tribunais da província eclesiástica*

O encontro anual dos Tribunais da Província Eclesiástica de Braga debateu o processo no Direito Canónico, enquanto expressão do processo sinodal, no dia 21 de junho, no Seminário Maior da Diocese de Lamego. Teve como tema ‘A justiça e o processo no Direito Canónico – Uma expressão da intervenção da Igreja sinodal junto do seu povo à luz da Palavra de Deus’, apresentado por D. António Couto.

“É preciso que na Igreja haja mais Palavra de Deus, mais rostos, mais olhos nos olhos, mais caravana, devendo os Tribunais ser, por isso, mais um posto da graça, mais um posto de abastecimento do que um posto alfandegário”, disse o bispo de Lamego, na reflexão sobre o tema do encontro.

O bispo de Lamego afirmou que “toda a justiça deve tender para a justificação no sentido bíblico, ou seja, para a transformação do pecador em justo”, e salientou que se na Igreja sinodal “o processo é o resultado”, com afirma o teólogo alemão Hermann Pesh, o processo jurídico deve colocar as pessoas, mesmo as mais feridas por alguma situação, em processo, em caminho, “na mesma caravana”.

Este encontro reuniu quem trabalha habitualmente nos Tribunais Eclesiásticos das Diocese de Braga, Viana do Castelo, Porto, Lamego, Vila Real, Bragança, Aveiro, Coimbra e Viseu, como vigários judiciais, juízes, auditores, notários, defensores do

vínculo, promotores de justiça e patronos estáveis.

## *Decretos de aprovação de estatutos*

*D. José Manuel Garcia Cordeiro promulgou decretos  
que aprovam os estatutos de:*

**CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE MASCOTELOS**, sedeadado na paróquia de São Vicente de Mascotelos, Concelho de Guimarães, Arciprestado de Guimarães e Vizela e Arquidiocese de Braga.

Constam de trinta e nove Artigos, distribuídos por seis capítulos, exarados em vinte e uma páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o timbre da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

Para memória se outorga o presente Decreto, que vai assinado pela autoridade canónica competente e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal na Secção das Pessoas Jurídicas, Processo n.º 1997 / 2022.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 02 de junho de 2022.*

**CASA DO CRUZEIRO**, sedeadada na paróquia de São Jorge de Airó, Concelho de Barcelos, Arciprestado de Barcelos e Arquidiocese de Braga.

Constam de quarenta e um Artigos, distribuídos por seis capítulos, exarados em vinte e sete páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o timbre da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

Para memória se outorga o presente Decreto, que vai assinado pela autoridade canónica competente e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal na Secção das

Pessoas Jurídicas, Processo n.º 2043 / 2022.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 03 de junho de 2022.*

## *Decreto de extinção de ente canónico*

Tendo sido requerida a extinção do CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE CAIRES sedeadado na Paróquia de Santa Maria de Caires, Arciprestado de Amares e Arquidiocese de Braga;

Atendendo a que não se vislumbram possibilidades de se poder dar continuidade às atividades e projetos a que se propunha, e tendo decorrido os trâmites exigidos, integrados no Processo N.º 1577 / 2022 da Cúria Arquiepiscopal de Braga, nada obstando ao deferimento;

D. JOSÉ MANUEL GARCIA CORDEIRO, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, no uso da sua jurisdição, de acordo com os cânones 120 § 1º e 320 § 2º e o Art.º 46 das Normas Gerais das Associações de Fiéis;

**Extingue o CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE CAIRES** sedeadado na Paróquia de Santa Maria de Caires, Arciprestado de Amares e Arquidiocese de Braga e, dando cumprimento ao estipulado pelo cânone 123 e estatutos, decreta que qualquer direito ou obrigação, bem como os bens que possam pertencer a esta entidade extinta, passem para a Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Maria de Caires, sita no Arciprestado de Amares e Arquidiocese de Braga.

Para memória, se outorga o presente Decreto que vai assinado em nome da autoridade canónica competente, o Bispo Diocesano, e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no aludido processo e na Secção dos Entes Canónicos.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 12 de maio de 2022.*

## *Provisões a corpos gerentes*

*D. José Manuel Garcia Cordeiro assinou provisões que aprovam os corpos gerentes de:*

**CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES,**  
sita na Paróquia de Santa Maria de Aboim, Arciprestado de Fafe,  
Concelho de Fafe e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

### *ASSEMBLEIA GERAL*

**Presidente:** Carlos Gonçalves Ferreira  
**Secretário:** José Carlos Antunes Brás  
**Secretária:** Maria Emília Antunes Costa

### *MESA ADMINISTRATIVA*

**Presidente:** Mafalda Alexandra Antunes Matias  
**Secretário:** Cândido Pires Martins  
**Tesoureira:** Joaquim Gonçalves Ferreira  
**Vogais:** Valentim Adão Esteves Gonçalves  
Joaquim Marques Lameiras

### *CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** Verá Fátima Antunes Brás  
**Vogais:** Maria de Fátima Vieira Gonçalves Martins  
José Joaquim Antunes Gonçalves Ribeiro

### *ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:*

Pe José António Ribeiro de Lima Carneiro

Esta homologação é válida de 26 de junho de 2022 até 31 de dezembro de 2025.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º2455 / 2022.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 28 de junho de 2022.*

**ASSOCIAÇÃO DE SÃO JOSÉ**, sita na Paróquia de Santa Maria Maior e Sé Primaz, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*ASSEMBLEIA GERAL*

**Presidente:** Paulino da Silva Pereira

**Secretários:** Armando Manuel Pereira de Mesquita Martins  
João Carlos Fernandes Castro

*DIREÇÃO*

**Presidente:** Inácio Loiola Rodrigues Coroas

**Vice-Presidente:** Maria Isabel Barros Teixeira

**Secretário:** Diácono Lino Gomes Campos

**Tesoureiro:** Diácono Carlos Manuel Esteves

**Vogais:** Maria Helena Pereira  
David António Ribeiro Novais  
Felicidade da Silva Lopes

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** Ana Sofia Fernandes

**Secretário:** Paulo Pereira de Melo

**Vogais:** João Filipe Ribeiro Novais

*ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:*

Cón. Manuel Joaquim Fernandes da Costa



Esta homologação é válida de 21 de junho de 2022 até 21 de junho de 2026.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 2346 / 2022.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de junho de 2022.*

**CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DAS DORES**,  
sita na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Matriz, Arci-  
prestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Póvoa  
de Varzim e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*ASSEMBLEIA GERAL*

**Presidente:** Laurentino Ferreira Areias  
**Secretários:** José Ribeiro Casanova  
Carlos Avelino da Costa Silva

*MESA ADMINISTRATIVA*

**Presidente:** José Leite  
**Secretário:** António da Silva Arteiro  
**Tesoureiro:** António Carlos Macedo de Oliveira  
**Vogais:** João Manuel Moreira Leite  
José Domingos Eusébio Pereira

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** Hernâni Lopes Macieira  
**Vogais:** António Pereira  
Macário dos Santos Cunha

*ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:*

Pe Avelino Manuel Lima de Castro

Esta homologação é válida de 14 de maio de 2022 até 14 de maio de 2025.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 2240 / 2022.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de junho de 2022.*

### **CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO,**

sita na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Matriz, Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Póvoa de Varzim e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

#### *MESA DA ASSEMBLEIA GERAL*

**Presidente:** Jorge Filipe Ferreira Alheira

**Secretários:** José Manuel Boucinha Rosa  
Manuel Fernando Carvalho da Silva

#### *MESA ADMINISTRATIVA*

**Presidente:** José Luís Carvalho da Costa

**Secretário:** Eurico José Dias Ferreira

**Tesoureiro:** Carlos Augusto dos Santos Lopes da Silva

**Vogais:** António Carvalho da Costa  
António Eusébio Teixeira de Oliveira

#### *CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** Artur Miranda da Silva

**Vogais:** Adelino Costa Oliveira  
José Augusto da Silva Moreira

#### *ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:*

PP.e Avelino Manuel Lima de Castro

Esta homologação é válida de 14 de junho de 2022 até 14 de junho de 2026.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 2331 / 2022.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 14 de junho de 2022.*

**IRMANDADE DE SÃO TORCATO**, sita na Paróquia de São Torcato, Arciprestado de Guimarães e Vizela, Concelho de Guimarães e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*MESA DA ASSEMBLEIA GERAL*

**Presidente:** José Novais de Carvalho  
**Secretários:** Henrique Fernandes de Sousa  
Vítor Manuel Faria Abreu Fernandes

*MESA GERENTE*

**Presidente:** Paulo Jorge Freitas Oliveira Novais  
**Vice-Presidente:** Manuel Macedo Carvalho  
**Secretário:** José Manuel Magalhães Teixeira  
**Tesoureiro:** Ricardo António Torres Faria Freitas  
**Vogais:** Miguel Ricardo Freitas Rodrigues  
Rui André Freitas de Sousa  
Manuel Freitas da Silva  
Daniel Augusto Piairo de Castro  
Francisco da Cunha Santos  
Maria Teresa Vaz Batista Vieira e Brito  
José Miguel Oliveira Guimarães Matos

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** Júlio da Silva Matos  
**Vogais:** António José Xavier Ferreira da Cunha  
Carlos Jorge Faria Abreu Fernandes

*ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:*

P.e Valentim Oliveira Gonçalves

Esta homologação é válida de 09 de junho de 2022 até 09 de junho de 2024.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 2182 / 2022.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 09 de junho de 2022..*

**INSTITUTO MONSENHOR AIROSA**, sito na Paróquia de São Tiago da Cividade, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga, Comissão Administrativa, integrada por:

**Presidente:** Cidália Maria Ferreira Teixeira

**Vice-Presidente:** Fernando Bruno Pires de Castro Almeida

**Secretária:** Ângela Maria Pereira e Sá Azevedo

**Vogal:** Adalberto Gonçalves Caldas Ferreira

*ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:*

Pe Andreas Gonçalves Lind, SJ

Esta homologação é válida de 15 de julho de 2022 até 15 de julho de 2023.

Durante este tempo, a referida Comissão Administrativa, para além da gestão ordinária, assume a especial obrigação de inscrição de associados e organização do processo eleitoral contando com a colaboração de: Paula Isabel Ferreira Braga, Gastão Ribeiro Pereira Veloso e Pedro Rafael de Sousa Teixeira. Para os assuntos fiscais e de contabilidade contará com a colaboração de: Rosa Maria Ferreira Braga, Alfredo Luís Batista Lynch Ferreira Couto e Marta Maria Fernandes Correia Lopes.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 2337 / 2022.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de junho de 2022.*

**CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA GUIA**, sita na Paróquia de São Tiago de Outiz, Arciprestado de Vila Nova de

Famalicão, Concelho de Vila Nova de Famalicão e Arquidiocese de Braga, constituídos por.

*ASSEMBLEIA GERAL*

**Presidente:** Manuel Augusto da Silva e Sá

**Secretários:** Manuel da Silva Rodrigues  
Miguel Manuel Vilas Boas Macedo

*MESA ADMINISTRATIVA*

**Presidente:** César Manuel Silva Oliveira

**Secretário:** Pedro Manuel Faria da Silva

**Tesoureiro:** João Miguel Figueiredo Macedo

**Vogais:** José da Costa e Silva  
Sérgio Manuel da Silva Miranda

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** José Albertino Alves de Sousa

**Vogais:** Joaquim Moreira Vieira  
Rui Filipe Vieira Cardoso

*ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:*

P.e Nuno Jorge Monteiro de Castro

Esta homologação é válida de 19 de janeiro de 2022 até 19 de janeiro de 2023.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 2402/ 2022.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 23 de junho de 2022.*

**CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO**, sita na Paróquia de São Miguel de Arcos, Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Vila do Conde e Arquidiocese

de Braga, constituídos por:

*MESA DA ASSEMBLEIA GERAL*

**Presidente:** António Ribeiro dos Santos

**Secretários:** Duarte António Faria Amorim dos Santos  
Manuel Martins Lopes

*MESA ADMINISTRATIVA*

**Presidente:** Manuel Fernando da Silva Martins

**Secretário:** Adelino de Araújo Leitão

**Tesoureiro:** Mário Ferreira dos Santos

**Vogais:** Manuel Eduardo Campos Guimarães  
José Alfredo Santos Martins

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** Alfredo Azevedo Martins

**Vogais:** Bernardino Azevedo Amorim  
António Paulo Araújo Carreira

*ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:*

P.e Manuel de Sá Ribeiro

Esta homologação é válida de 29 de maio de 2022 até 29 de maio de 2025.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 2117 / 2022.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 07 de junho de 2022.*

**CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DE TABUAÇAS,**  
sito na Paróquia de São Julião de Tabuaças, Arciprestado de Vieira do Minho, Concelho de Vieira do Minho e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*DIREÇÃO*

**Presidente:** P.e Ricardo André Lopes Azevedo  
**Secretária:** Carla Susana Ramalho Martins  
**Tesoureiro:** Luís Miguel Ribeiro Carneiro  
**Vogais:** Vânia Filipa Rodrigues Fernandes  
Jorge António Antunes Alves

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** Manuel Orades Ribeiro Gonçalves  
**Secretário:** Nuno Alberto Vitória Pereira  
**Vogal:** Augusto Jorge Pereira da Costa

Esta homologação é válida de 07 de junho de 2022 a 03 de dezembro de 2023.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 2118/ 2022.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 07 de junho de 2022.*

**CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO**, sita na Paróquia de Santa Maria de Vila Cova, Arciprestado de Barcelos, Concelho de Barcelos e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*MESA DA ASSEMBLEIA GERAL*

**Presidente:** Agostinho Filipe dos Santos  
**Secretários:** Ernesto da Silva Vale Azevedo  
Martinho Martins Branco

*MESA ADMINISTRATIVA*

**Presidente:** Paulo João Lopes Portela  
**Secretário:** João Manuel Azevedo da Costa Leme  
**Tesoureiro:** Paulino Matos Miranda  
**Vogais:** David Gonçalves dos Santos  
Manuel Barroso do Vale

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** Paulino Miranda Novais

**Vogais:** José Matos Novais  
Amândio Matos Cachada

*ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:*

P.e Manuel Alberto Bezerra Alves

Esta homologação é válida de 29 de maio de 2022 até 29 de maio de 2025.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n° 2233 / 2022.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 21 de junho de 2022.*





### 3. Programa Pastoral

## *Assembleia Diocesana Sinodal*

*Realizou-se em 14 de junho no Espaço Vita a Assembleia Diocesana Sinodal presidida por D. José Cordeiro. Debateu um documento que lhe foi proposto pela Equipa Diocesana do Sínodo.*

*Após a Assembleia, a referida Equipa, tendo em atenção as intervenções de quinze pessoas da assistência, elaborou a síntese final que se publica de seguida e foi enviada para a Conferência Episcopal Portuguesa.*

### **Síntese da fase diocesana do Processo Sinodal**

Damos graças a Deus por este momento sinodal que a Igreja Católica está a viver.

É verdade que, como Igreja, sempre “caminhámos em conjunto”, mas esta experiência e vivência sinodal revela outro rosto da Igreja, com o desejo de começar a concretizar o “apostolado do ouvido” (Papa Francisco).

A experiência iniciada com este Sínodo é apontada por muitos como um momento muito positivo e, em alguns casos, promotor de mudança e criação de pontes de diálogo entre diferentes comunidades e pessoas.

## 1. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO

1.1. A Arquidiocese de Braga iniciou o processo sinodal convidando todo o povo de Deus a participar em dois momentos formativos, com o objetivo de, por um lado, motivar à participação no sínodo, e por outro, ajudar a esclarecer algumas questões relativas ao tema e à metodologia que viria a ser adotada. Previamente havia sido constituída uma equipa composta por nove pessoas, um padre, uma religiosa e sete leigos, cuja tarefa era facilitar e colaborar para que todo este processo sinodal decorresse da melhor forma.

Por uma questão de fidelidade ao esquema proposto no documento preparatório, a equipa optou por manter as três temáticas (Comunhão, Participação e Missão), bem como as questões apresentadas, sem qualquer alteração, de forma a não destacar ou relegar nenhum tema ou questão. No entanto, foi sublinhada a liberdade dada às comunidades e aos grupos sinodais de poder adaptá-las ao seu contexto.

No que respeita aos materiais disponibilizados, foi criado um site com toda a informação relativa ao Sínodo de forma a favorecer a compreensão e acessibilidade.

Como proposta de introdução e preparação, elaborámos dois esquemas de reflexão comunitária para apresentar o processo sinodal, salientando a vertente espiritual deste caminho e alertando para as atitudes exigidas aos participantes e as armadilhas a evitar.

Como sugestão foram construídos três esquemas de encontro, um referente a cada uma das temáticas, anteriormente referidas, bem como facultados cinco esquemas de oração, vincando-se a importância da oração comunitária e da escuta do Espírito Santo nesta caminhada sinodal.

Foi, igualmente, pedido a cada comunidade que indicasse um moderador paroquial que ajudasse a operacionalizar a dinâmica dos encontros, bem como se responsabilizasse por sintetizar o diálogo e

reflexão realizada nos diferentes grupos, submetendo-a online, num formulário próprio, utilizando, no máximo, trezentas palavras para cada uma das três temáticas.

Foi também possibilitado o contributo individual, criando-se para o efeito, no referido site, essa modalidade.

1.2. Finda esta fase, que reconhecemos, foi pautada por alguma pressão em termos temporais e pelo facto de muitos grupos sinodais manifestarem dificuldade no entendimento das questões e também pela sua extensão em termos de número, foram submetidas as sínteses, cuja proveniência é maioritariamente das paróquias / unidades pastorais / arceprestados. Regista-se, contudo, também a participação de alguns dos movimentos / departamentos existentes na Arquidiocese, assim como da vida consagrada.

Em geral, as reflexões recebidas abrangeram uma ampla variedade de questões e problemáticas.

Apesar de, em termos quantitativos, as respostas recebidas estarem longe de serem uma representação significativa da Arquidiocese, traduzem já a amplitude e a riqueza nela existentes.

As sínteses manifestam a diversidade das realidades eclesiais que a constituem. Embora se possam reconhecer traços comuns em quase todas essas realidades, tanto nos aspetos positivos como nos negativos, são também evidentes os diferentes pontos de vista.

Esta diversidade de visões, mais do que ser identificada como um obstáculo no caminho, pode ser reconhecida como uma potencialidade e riqueza a explorar. Ainda que, nalgumas sínteses, seja referida a dificuldade de escuta e valorização de opiniões nas paróquias e nos grupos.

Parecem-nos escassos os contributos de pessoas fora de grupos eclesiais pré-existentes ou que não desempenham qualquer função específica na paróquia.

É também notória a dificuldade em conseguirmos reflexões vindas das periferias/ minorias.

As reflexões individuais foram também em número residual.

Percebemos que o conteúdo condensado nas sínteses não traduz integralmente, nem é delimitativo, de todo o processo sinodal que decorreu na paróquia ou no grupo. Esse é um sinal de grande alegria e consolação.

O objetivo último desta fase diocesana, mais do que a preocupação com a elaboração de uma síntese, seria infundir nas comunidades e realidades eclesiais este espírito de sinodalidade, na esperança de que este se prolongue além do limite temporal estabelecido para este Sínodo.

Algumas sínteses referem o desejo e a vontade dos encontros dos grupos de consulta sinodal se repetirem e multiplicarem, nos seus diversos contextos.

É também evidente, na maioria das reflexões recebidas, o papel e lugar que o Espírito Santo ocupou em todo o processo desenvolvido.

Está explícito o amor que as pessoas sentem pela Igreja e a vontade de caminharem em conjunto, de desenvolverem um sentido de comunidade e de propósito comum. Reconhecem, por isso, com alguma dor e angústia, as dificuldades que as impedem de concretizar mais plenamente esse impulso do Espírito.

De forma geral, parece-nos que as pessoas abraçaram com grande contentamento a oportunidade de falar sobre a fé e os desafios que a Igreja e a sociedade em geral enfrentam.

Constatamos, em verdade, que muitas das respostas transparecem mais aspetos negativos e críticas à Igreja do que propostas concretas de edificação. Está patente um certo grau de descontentamento e de urgência de mudança das estruturas e métodos eclesiais.

As tristezas, angústias e desânimos dos participantes, caminham, no entanto, lado a lado com sinais de alegria por pertencerem a uma comunidade e por partilharem experiências e a sua história de fé.

Este caminho aberto pelo Sínodo, bem como a ação e convite do Papa Francisco, são também vistos como sinais de Esperança para toda a Igreja.

## 2. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Para a elaboração deste ponto da síntese, foram consideradas as submissões individuais e as de todos os grupos de consulta sinodal. Um aspeto forte deste método sinodal é a valorização da escuta do povo de Deus.

Conscientes da impossibilidade de expor cada tema nelas abordado de forma exaustiva, tentamos garantir ao máximo a fidelidade aos contributos recebidos, apresentando aqui uma compilação global dos mesmos.

2.1. Destacamos, como um dos âmbitos mais debatidos, as questões relativas à vivência comunitária, nomeadamente o exercício de governação.

A figura do pároco é percebida de formas distintas: uns fazem a experiência deste ser uma presença reconfortante e colaborativa, que assume um papel de liderança na medida em que desafia, motiva e orienta a comunidade; outros, vêem-no como alguém que transmite autoritarismo, sem capacidade de escuta, que não incentiva à participação e afasta as pessoas em vez de as aproximar; outros, ainda, como alguém que não tem tempo para se interessar pela vida dos seus paroquianos, devido ao número de paróquias que lhe estão atribuídas e pela excessiva variedade de tarefas que, na atual organização, tem de assumir.

Há, também, os que sugerem a necessidade de uma reorganização pastoral das comunidades.

Em algumas realidades, ainda subsistem situações de clericalismo, de abusos de poder e de autoridade, estabelecendo-se uma distância significativa entre clero e leigos. Noutras, está patente um modelo pastoral e paroquial ainda muito dependente do pároco, afirmando-se a necessidade deste se centrar mais no acompanhamento espiritual e na dimensão da escuta, do que na administração patrimonial e financeira das paróquias e Centros Sociais Paroquiais.

Considera-se, pois, que deve haver a coragem de delegar nos

leigos esta mesma responsabilidade, aliando-se a isso a obrigação de uma maior transparência e clareza nessa gestão.

Nesta mesma linha, alude-se à pouca importância dada aos Conselhos Pastorais Paroquiais e aos Conselhos Económicos, sendo apontada a sua inexistência ou funcionamento deficitário e pouco participado.

Foram mencionadas as questões do celibato, ora questionando a possibilidade da sua revisão, tornando-se opcional ou sendo abolido, ora interpretando-o como um sinal de entrega.

Também se considera que a formação do clero, quer a inicial nos seminários, quer a que é oferecida ao longo do exercício do ministério sacerdotal, evidencia algumas lacunas, tanto na área da espiritualidade e da experiência de Deus, como nas relações humanas e desenvolvimento das capacidades comunicativas.

## 2.2. O papel dos leigos foi outro dos aspetos mais referidos.

As sínteses identificam a formação e, especificamente, a formação de lideranças como algo absolutamente premente e essencial; para permitir, por um lado, levar as pessoas a assumirem a sua missão de cristãs e de batizadas, e, por outro, poderem exercer os ministérios a que possam ser chamadas, contribuindo, assim, para a partilha de tarefas, a renovação de rostos e, sobretudo, para a tão pretendida desclericalização, auxiliando os párocos nas funções de gestão e de coordenação.

Pede-se uma Igreja participativa que dê aos fiéis a oportunidade de tomar parte na administração e na vida das paróquias, pois, existem muitos dons e talentos na nossa Igreja à espera de serem postos a render.

Salienta-se também que, uma grande parte da responsabilidade do funcionamento dos serviços das paróquias é atribuída aos leigos, mas, simultaneamente, muitos destes sentem-se pouco escutados em matéria de liderança e de tomada de decisões, considerando que o seu trabalho não é reconhecido nem valorizado.

De facto, dizem sentir-se desgastados, cansados e desmotivados, na medida em que são “poucos a fazer muito”.

Neste mesmo ponto, levantou-se ainda a questão de nas paróquias, por vezes, se constituírem pequenos grupos fechados que chamam a si todas as tarefas e encargos e que não aceitam nem convidam outros para participarem de forma mais ativa no serviço pastoral, considerando-se, a si próprios, uma “igreja de elite”.

2.3. A escuta e a proximidade são mencionadas como algo essencial, mas em falta na vida comunitária.

Com a identificação desta “falta”, quer-se dizer que não existe a cultura dos “leigos escutarem os leigos” e destes serem escutados pelos párocos, isto é, a predisposição para escutar o próximo, mesmo sem terem de se convocar reuniões ou assembleias.

Algumas sínteses dão conta da existência de comunidades com estilos de comunicação autênticos e livres, onde todos podem manifestar-se e as decisões são tomadas após consulta dos grupos, proporcionando-se oportunidades para projetar e avaliar a ação pastoral em conjunto.

Porém, na generalidade, as sínteses concordam em afirmar que os leigos não são valorizados e que o seu maior anseio é serem escutados pelo pároco.

2.4. No que se relaciona com o papel das mulheres na vida da Igreja, várias vezes, é referida a pouca relevância que estas têm nos diferentes órgãos e estruturas eclesiais de coordenação, gestão e decisão, quer a nível paroquial, quer a nível diocesano, bem como nos diferentes ministérios.

Afirma-se, por isso, a necessidade de as valorizar mais, ouvindo os seus contributos e contando com a sua participação em todo o processo de ação pastoral.

O diaconado feminino e a ordenação de mulheres são colocados



como opções a serem discutidas com abertura.

2.5. Encontramos, nas sínteses, como temas mais sublinhados, a estrutura vertical da Igreja e o processo de tomada de decisões.

O caminho proposto é pedir à Igreja que seja menos burocrática e mais espiritual, menos elitista e legalista e que manifeste, em ações concretas, uma atitude de acolhimento, serviço e autêntica comunhão.

Reclama-se uma maior transparência e menos secretismo, por parte da hierarquia, na tomada de decisões e na forma como gere as questões administrativas, econômicas, financeiras e morais.

Pede-se, ainda, que o processo de escolha/ ordenação dos sacerdotes e bispos seja mais sinodal.

Apela-se à necessidade de se assumirem os erros cometidos, de forma a gerar mais confiança – por exemplo, no que diz respeito a casos de abuso sexual e espiritual –, e a responsabilização pelas mágoas e feridas causadas nas pessoas que se afastaram da Igreja.

2.6. Sente-se o desejo de uma maior ligação e melhor comunicação com a Arquidiocese e com outras paróquias, evitando comunidades fechadas e isoladas.

Segundo o parecer expresso nas sínteses, almeja-se que tal contribua para uma maior coerência e harmonia na forma de atuar, dissipando a dualidade de critérios que, por vezes, se verifica em relação a determinados assuntos nas diferentes paróquias, nomeadamente, na celebração dos sacramentos.

Estando a maioria das sínteses mais focada na vida paroquial, pede-se, porém, atenção para não reduzir a vida da Igreja ao que se vive e ocorre nas paróquias. Movimentos, associações, institutos de vida consagrada e tantos outros carismas são igualmente parte essencial da vida eclesial. A vida consagrada deve ser valorizada por

aquilo que é, como riqueza do Espírito na vida da Igreja, mais do que pelos serviços que presta.

2.7. Finalmente, no âmbito da vivência comunitária, concluímos que existe um entendimento muito relativo sobre o que significa “caminhar juntos”.

Maioritariamente, reconhecem-se como companheiros de viagem aqueles que trabalham mais ativamente nas coordenações e movimentos paroquiais, no entanto, continua a ser evidente a falta de unidade, diálogo e mútua compreensão dentro e entre os vários grupos, bem como a dificuldade do trabalho colaborativo.

Em alguns contextos, há facilidade de comunicação, todos se conhecem e respeitam, reconhecendo na Eucaristia e na Palavra momentos fecundos de orientação para a vida comunitária. Noutros contextos, as pessoas não se conhecem bem ou, então, as divergências são maiores, gerando, por vezes, comportamentos hipócritas, desleais e ciúmes que impedem a autêntica comunhão. Os ambientes dentro da Igreja nem sempre são saudáveis e fraternos.

Assinala-se a necessidade de partilhar, viver e celebrar comunitariamente a vida, colocando em comum as alegrias e as tristezas de cada um.

É fundamental criar relação humana no âmbito da vivência da fé, fomentando o sentido de pertença e estabelecendo momentos concretos para a oração, a partilha e o convívio nas comunidades.

2.8. No que concerne à ação pastoral, apontam-se os efeitos da pandemia, que, de uma forma geral, desmotivaram e acentuaram barreiras e dificuldades já existentes.

Sente-se uma Igreja envelhecida, acomodada, fechada e voltada para si própria, que ainda valoriza muito o ritualismo e vive distante do mundo e da vida das pessoas.

Reconhece-se que, no nosso contexto arquidiocesano, de forma generalizada, as igrejas estão cada vez mais vazias, há menos

participação nos sacramentos, em particular por parte das crianças, dos jovens e das famílias.

A formação cristã termina habitualmente com o percurso de dez anos de catequese, que em vez de encaminhar para o discipulado autêntico, conduz para festas e momentos celebrativos pontuais.

Após este percurso catequético de efeito duvidoso quanto à missão da Igreja, de anúncio e evangelização, não existem muitas ofertas e/ou acesso a formação e acompanhamento na fé para jovens e adultos.

Logo, seria importante repensar as propostas catequéticas e os recursos humanos e materiais que canalizamos para isso.

A formação teológica e bíblica é escassa.

2.9. É manifesta a urgência de trabalhar com e para os jovens: ser-se criativo na proposta de novos caminhos que vão ao encontro dos seus hábitos e gostos e que os desinstalem, para os ajudar a criar vínculos na comunidade e a corresponderem à missão que receberam no Batismo, mostrando-lhes que a sua presença é importante para a renovação da própria Igreja e que esta acolhe e tem a coragem de materializar os seus contributos.

2.10. Considera-se, igualmente, que a Igreja deveria dar mais atenção às famílias como “primeiras igrejas”, fomentando a consciência de que são Igreja doméstica, através da oração, da participação eucarística, da escuta da Palavra de Deus, da relação íntima com o Senhor e, também, através da vivência e animação da fraternidade.

As famílias precisam de ser mais apoiadas na formação humana, afetiva e espiritual e acompanhadas nas diferentes fases, antes (namoro e noivado) e após o matrimónio (nascimento dos primeiros filhos, “fase do ninho vazio”, viuvez).

Um dos pontos mais mencionados nos contributos recebidos é a necessidade da Igreja acolher, integrar e cuidar melhor das pessoas que viveram ou vivem situações de matrimónio ferido, de

infidelidade, de divórcio e de novas uniões, de monoparentalidade, de relações poliamorosas e homoafetivas.

Demasiadas vezes, o acolhimento e a escuta são condicionados pelo escrutínio à vida das pessoas, sendo o critério de ação o julgamento, a exclusão e a condenação, e não a caridade, o acompanhamento e o respeito pelos diferentes ritmos de caminhar.

2.11. Do ponto de vista celebrativo, as sínteses recebidas aludem a um cuidado maior com a liturgia.

Pede-se que seja mais bem organizada e mais participada por toda a comunidade, referindo que as celebrações não têm uma linguagem apelativa, compreensível ou significativa para as crianças, jovens e pessoas portadoras de algum tipo de incapacidade psicossocial.

Sugerem-se homilias mais conectadas com a realidade concreta das pessoas, com as suas dificuldades, angústias e sofrimentos do dia-a-dia.

Sente-se uma preocupação por fazer da celebração da Eucaristia um momento de comunidade, não uma celebração individualista. Anseia-se que a Eucaristia seja centro da vida e da fé da comunidade.

Expõe-se também o desejo de uma maior vivência e acompanhamento espiritual, propondo-se o estabelecimento ou alargamento de horários de atendimento pastoral, de acesso ao sacramento da Reconciliação e adoração ao Santíssimo e ainda a criação de equipas de acolhimento, acompanhamento e escuta nas comunidades.

Denuncia-se, por outro lado, a procura dos sacramentos como se de um “supermercado” se tratasse e apenas por tradição ou pelo aspeto social, sem que realmente se verifique envolvimento, maturidade ou caminho de fé percorrido.

A preocupação pelo cuidado com a vida espiritual, pelo crescimento como discípulos de Jesus Cristo, surge nas sínteses, associada ao desejo de ver acontecer tempos de oração, em pequenos grupos, para além da celebração da Eucaristia.

2.12. A questão do acolhimento e da relação da Igreja com as periferias é também mencionada. Neste aspeto é pedido à Igreja que possa ter “outros olhares” e que se abra “ao diferente, ao novo”, acolhendo, integrando e incluindo grupos que são sistematicamente excluídos ou marginalizados e com quem está em “dívida de escuta” – comunidade LGBTQIA+; minorias étnicas; pessoas portadoras de deficiência, com dependências, em situação de reclusão, de migração, de pobreza ou de doença – e, sem pudor, preconceitos ou receio, entre em diálogo sincero e fraterno sobre assuntos habitualmente encarados como tabu nos ambientes eclesiais.

2.13. Sublinha-se a importância da dimensão sócio-caritativa, de uma Igreja verdadeiramente ao serviço dos outros – “hospital de campanha” – capaz de mobilizar recursos em favor da justiça e da equidade social; proativa em relação aos problemas da atualidade (alterações climáticas, crise dos refugiados, conflitos armados); zelosa dos mais frágeis e idosos; atenta às questões do mundo do trabalho (precariedade laboral e baixos salários) e às dificuldades laborais e financeiras dos jovens e das famílias.

2.14. É apontada a necessidade de uma atualização da linguagem usada no contexto eclesial – tantas vezes demasiado complexa, incompreensível e desligada da vida concreta das pessoas –, de forma a aproximar-se mais dos diferentes grupos etários e da sociedade em geral, tornando-a mais clara e acessível a todos, adaptando-a, se necessário. A Igreja deve ter atenção ao modo como se comunica e dá razões da sua fé e esperança.

São pedidas indicações mais claras e coerentes sobre as propostas morais e doutrinárias, tendo em atenção os discursos vazios, reticentes à novidade e à mudança.

Os meios de comunicação social são vistos como ferramentas que poderão ajudar a difundir e encurtar as distâncias já expostas. Assim, cada vez mais a Igreja deve apostar nas novas tecnologias

e nas redes sociais para conseguir chegar mais, e de uma melhor forma, junto das pessoas e das comunidades.

2.15. As reflexões apresentadas aludem à necessidade de um maior e mais orante diálogo ecumênico, no sentido de se criar uma verdadeira relação e unidade entre os cristãos e também com os não-crentes.

Uma Igreja “em saída” precisa de coragem para ir ao encontro de outros mundos, como a cultura, a universidade, a escola, o mundo do trabalho, as artes, a ciência, e de ser capaz de um diálogo verdadeiro e de autêntica escuta.

2.16. Por fim, conclui-se, das sínteses recebidas, a transversalidade da dificuldade em alcançar as periferias e de evangelizar quem está afastado e/ou indiferente à comunidade.

Reconhece-se que as grandes causas do afastamento da Igreja são a falta de propostas significativas e edificantes, de testemunho em relação à mensagem central de Cristo, de coerência de vida dos sacerdotes e leigos mais envolvidos na vida paroquial e, ainda, a tentação do escrutínio da vida pessoal dos fiéis, numa lógica de condenação e julgamento e não de compaixão e de correção fraterna.

Algumas sínteses afirmam que as comunidades se dispõem a acolher, mas que nem sempre existe receptividade ou participação. Outras, por seu lado, registam e dão testemunho de vivências belas de ser e estar em Igreja e de experiências concretas de dialogar com quem vive à margem da comunidade: Curso Alpha; “Café com Pais”; “Noite da partilha” (encontros mensais com adultos); “Dia da Paróquia”; peregrinações; momentos lúdicos e de lazer; iniciativas várias que procuram colocar a caridade no centro da sua ação, como grupos de visita e acompanhamento a quem está mais isolado ou frágil e/ou que assistem materialmente as famílias da comunidade.

### **3. VISÃO ATUAL E PROPOSTAS DE MUDANÇA**

3.1. Na tentativa de traçar a visão atual da nossa Arquidiocese quanto ao modo como vivemos nas nossas comunidades os três grandes pilares relativos a este processo sinodal, a Comunhão, a Participação e a Missão, apresentamos alguns pontos que refletem as diferentes perspectivas e vivências que nos chegaram nas sínteses recebidas.

3.1.1. A comunhão vivida e experimentada no seio das diferentes comunidades parece sentir-se a diferentes ritmos.

Sentimos, por um lado, um “caminhar juntos” com significativos dinamismos de partilha, entre aqueles que integram os movimentos ou participam assiduamente na Eucaristia. Por outro lado, muitos permanecem ainda “à margem” e não integram este ‘abraço’ de comunhão.

Em muitas realidades da nossa Arquidiocese, é manifesta a incapacidade de acolher, chamar e envolver outros que não participam ativamente na vida das comunidades paroquiais.

É igualmente perceptível a dificuldade em aceitar e conciliar a diversidade de situações, vivências e sensibilidades dentro dos contextos eclesiais, o que conduz muitas vezes a uma degradação das relações de convivência e partilha.

O individualismo e a incapacidade de amar e perdoar os irmãos que integram a mesma comunidade resultam em ‘feridas permanentemente abertas’, que colocam em causa a vivência da fraternidade e da autêntica comunhão.

Damos conta do caminho que falta percorrer para que as nossas comunidades sejam verdadeiras famílias de famílias, comunidades onde as pessoas se amam, cuidam e têm o desejo de alimentar relações de proximidade entre si, porque amam profundamente Jesus Cristo.

3.1.2. A participação na Eucaristia reflete também essa diferença de ritmos. Nem sempre é vivida como um momento verdadeiramente rico, de encontro, de preparação e fundamentação de toda

a ação pastoral.

Ainda há o risco de participarmos por mera rotina ou preceito, sem compromisso ou verdadeira envolvimento da comunidade.

O não regresso de muitos, depois da fase mais crítica da pandemia, assim como o desaparecimento de uma importante fatia da comunidade nos períodos de férias ou nas interrupções da atividade da catequese são a expressão disso mesmo.

3.1.3. Em muitas realidades eclesiais os leigos diretamente envolvidos sentem-se chamados a tomar parte ativa nas decisões relativas à vida da comunidade, o que é já um sinal de graça e um testemunho de sinodalidade.

Não obstante, e apesar desse papel mais ativo e comprometido dos leigos, em muitas situações é necessário que essa participação evolua e amadureça, implicando, para isso, o empenho de todos, quer clérigos, quer leigos.

Tal estilo de participação exigirá a atitude de constante abertura à voz do Espírito, caridade mútua, oração e a busca consciente de um discernimento espiritual e comunitário.

Urge também a aposta na formação específica, capaz de proporcionar uma verdadeira participação, pois a forma como se tomam decisões poderá ainda ser um perigo que nos espreita.

Percebemos que nem todos têm igual oportunidade de ser escutados, assim como nem todos têm as mesmas possibilidades para tomar da palavra.

O preconceito, a ‘preguiça’ de ouvir, os conflitos, a incapacidade de vivermos autenticamente a dimensão do perdão, o receio da má interpretação ou da não aceitação ainda nos impedem de acolher o outro na sua diferença, seja esta de que natureza for.

3.1.4. No que toca à missão evangelizadora da Igreja, muitos batizados não a vivem e abraçam de forma comprometida e séria; não parecem ter feito a experiência da adesão à pessoa de Jesus Cristo e, não se sentindo cativados, estão alheados dessa mesma



missão.

Pomos em questão o modo como temos vindo a evangelizar; a forma como fazemos catequese, como chegamos às famílias, sobretudo às mais jovens; a forma como celebramos e acolhemos e o modo como a Igreja se faz ou não presente nos diferentes âmbitos sociais (mundo do trabalho, comunidades escolares, ação sócio-caritativa, autoridades civis, entre outros).

Na verdade, são várias as áreas que tendemos a negligenciar e que exigem urgente conversão, sobretudo as mais sensíveis e delicadas na vida de cada um, associadas aos momentos de dor e abandono (pobreza, desemprego, doença, luto).

3.2. Na sequência do ponto anterior, apresentamos agora as diversas propostas de mudança, isto é, as áreas em que a Igreja necessita de conversão.

3.2.1. A aposta na formação assume um caráter primordial e incontornável nos diferentes âmbitos de ação eclesial, de modo a que todos possam ter uma participação mais ativa, consciente e apaixonada na vida da Igreja.

Importa, pois, fomentar o verdadeiro espírito evangélico, o imperativo de servir e ser testemunha comprometida de Jesus nos dias de hoje, quer na comunidade, quer nos diversos contextos onde cada um se move, vivendo como um verdadeiro discípulo missionário.

Recordamos, a propósito, o legado de São Bartolomeu dos Mártires, que inspirado pela figura de João Baptista, que Jesus dizia ser uma “lâmpada ardente e luminosa” (Jo 5, 35), elegeu dois verbos para o seu lema episcopal: “Arder e Iluminar”.

Como tal, esta formação para agentes de pastoral deverá contemplar várias dimensões: a formação humana, espiritual, teológica, bíblica e pastoral.

Destas destacamos, como fundamentais e incontornáveis, a formação humana e a formação espiritual.

A formação humana é a base de todo o entendimento de si e da relação com Deus, os demais e com o mundo e, por isso, é determinante para qualquer membro da comunidade humana e eclesial. Esta formação proporcionará a valorização de momentos de encontro, partilha e convívio.

Estes momentos são fundamentais para que se criem laços afetivos e todos possam participar de modo mais autêntico e alegre na vida da comunidade.

A formação espiritual, encarnando uma atitude de confronto e de encontro com a Palavra, de contemplação da pessoa e da ação de Jesus, experiência, quer de acompanhamento personalizado, quer de vivência dos sacramentos, concretamente da Eucaristia e da Reconciliação, de momentos especiais de paragem e de alimento da intimidade com Jesus, como são os retiros e os Exercícios Espirituais, poderá alimentar uma atitude de contínua conversão e um amor vivo e apaixonado capaz de permitir “viver no mundo, sem ser do mundo para transformar o mundo”, contagiando outros com ardor missionário e gerando, por graça de Deus, novos discípulos.

3.2.2. Destaca-se a necessidade de combater o clericalismo no seio da Igreja, ainda presente na vida de muitas das nossas comunidades.

A consciência de que somos todos, fiéis batizados, amados por Aquele que dá a Vida por nós, chamar-nos-á a viver ao Seu estilo, colocando-nos, na Igreja, ao serviço dos irmãos.

Pastores, leigos e consagrados queremos servir, para que outros experimentem, como nós, este amor que nos inunda, transforma e rejuvenesce.

Na verdade, o pároco não deve rodear-se de leigos e contar com o seu trabalho na realização da vida da comunidade, porque precisa de ajuda e porque está mergulhado em trabalho, eventualmente presidindo a várias comunidades; isto é, os leigos devem ser envolvidos e comprometidos, porque só assim podem exercer a sua

missão e vocação de batizados na vida da Igreja.

Logo, o exercício da autoridade do pastor implica contar com todos, partilhando decisões e ações.

Importa ainda valorizar, como refere o Papa Francisco, o papel da mulher, dando mais importância ao seu serviço, não apenas na ação evangelizadora e litúrgica, mas também nos órgãos de gestão da mesma Igreja.

É, pois, com este olhar que o pároco deverá assumir a sua missão de verdadeiro pastor, no exercício competente da sua autoridade legítima (autoridade, que lhe vem da missão que lhe foi confiada e que é totalmente distinta de autoritarismo).

A sua missão pastoral, alicerçada na caridade, no amor pela Verdade e na atenta confiança aos seus irmãos, potenciará a participação e a corresponsabilidade de todos na missão.

3.2.3. É notório, e enche-nos de alegria, verificar que existem, em muitas das nossas comunidades, várias possibilidades e espaços de diálogo, nomeadamente no contexto dos diferentes movimentos pastorais.

Aferimos, porém, que muitas vezes, por exemplo, no âmbito do Conselho Pastoral Paroquial, não se supera o cumprimento formal de uma exigência não assumida com integridade.

Perante isso, há que afirmar, são importantes a abertura a diferentes posições e o respeito pelo outro como concretização de um verdadeiro exercício de escuta; o mais determinante, imitar a pedagogia do próprio Jesus, isto é, estar em íntima relação com o Pai, estar com os discípulos, escutá-los ativamente, percebendo-lhes o sentir e o viver para, assim, os poder fecundar com a presença da Palavra transformante, contagiando-os com o desejo de ir mais longe.

Importa, pois, reavivar o Conselho Pastoral Paroquial e o Conselho Económico, ajudando a que não resumam a sua atividade ao agendamento / partilha de atividades, mas sejam um verdadeiro

rosto da sinodalidade na comunidade.

3.2.4. Se alguns setores da Igreja atual parecem refletir muito da sociedade hodierna em que vivemos, numa cultura da indiferença e do egoísmo, de “cada um por si”, por sua vez, a Igreja que “bebe do Evangelho”, que “vive aos pés do Mestre”, quer servir e amar a todos, mas primeiro aos mais frágeis e esquecidos, assumindo-se como uma Igreja “hospital de campanha”.

Deste modo, vem para o centro da nossa atenção a necessidade de uma “pastoral do encontro”, impondo-se a urgência de edificar uma Igreja “em saída”, abrindo, sem medo, o âmbito da nossa ação eclesial, tendo tempo “para perder” com o outro, acolhendo e acompanhando, estando diligentes e abertos aos novos desafios que as necessidades dos irmãos nos chamam a responder.

Importa, por isso, estar atentos às dificuldades vividas pelas famílias da comunidade, criando-se grupos de visita e de acompanhamento, que decorrem da preocupação em “estar com” e escutar mais os nossos idosos e doentes; apoiando, de forma mais concreta, situações relacionadas com o nascimento e a educação dos filhos, a precariedade no trabalho, o desemprego e as dificuldades financeiras, assim como as separações, os divórcios e os lutos, sem esquecer os refugiados e os migrantes.

3.2.5. A Igreja deve ter particular cuidado com a linguagem que adota, tornando-a mais clara e acessível para todos, assumindo novas dinâmicas de comunicação.

Este cuidado deve ser transversal a toda comunicação da e na Igreja, seja ela nos documentos do magistério, notas pastorais, homilias, discursos, comunicados de imprensa, publicações nas redes sociais.

O Papa Francisco é um excelente exemplo no modo como a Igreja pode e deve comunicar. Uma linguagem simples, próxima e acessível a todos, com expressões idiomáticas, que expressam o

pensamento e a piedade popular, pontuando os seus discursos e catequeses com histórias pessoais, onde a palavra pregada é verdadeiramente vivida, dando assim espaço à dimensão narrativa e testemunhal da fé.

Na verdade, como afirma um célebre dito talmúdico: “O que sai do coração entra no coração”.

A missão da Igreja conhece hoje um novo Continente, o Continente Digital. Os “nativos digitais”, ou seja, aqueles que já nasceram e cresceram com as tecnologias digitais, cujo modo de comunicar e relacionar-se está existencialmente moldado pelo uso das novas tecnologias e em particular das redes sociais, demandam da Igreja uma missão digital.

Ser “missionário digital” implica ir, sem medo, tal como os primeiros missionários, ao encontro destas novas culturas, com linguagem, necessidades e interesses próprios.

É por isso necessária uma presença nas redes sociais com conteúdos adequados, adaptando a linguagem, numa atitude humilde de escuta e diálogo.

A palavra-chave para a comunicação da Igreja hoje é “relação”. O velho modelo de discurso unidirecional não é colhido positivamente pelos “nativos digitais”.

É necessário dialogar, interagir, perguntar e responder, despoletar processos de aprofundamento de questões e acompanhar pacientemente diferentes ritmos, tempos e percursos de maturação humana.

Neste sentido, sugere-se, em primeiro lugar, que a nível paroquial e arceprestal, se criem equipas de comunicação, e, onde já houver, se valorizem as mesmas.

Os boletins paroquiais, existentes em praticamente todas as paróquias, podem e devem coexistir digitalmente com as “newsletters”, ou seja, boletins informativos digitais que permitem a disponibilização de mais conteúdos, informação adequada a diferentes públicos, e não estão dependentes da lógica dominical, pois há e haverá sempre informação que não se compadece com os ritmos semanais.

A presença nas redes sociais deve ser entendida como missão e espaço de evangelização, onde o Evangelho é uma boa notícia que fala às pessoas de felicidade, porque fala de um encontro que transforma a vida, que é o encontro com Jesus.

3.2.6. Terminada esta etapa do processo de escuta, importa ajudar as nossas comunidades a manter o ritmo e o método sinodal.

Esta foi, no tempo que nos é dado viver, uma primeira experiência que precisa de deixar marcas fundantes, devendo ser alargada quer no tempo, quer nas pessoas a quem toca, procurando, assim, envolver muitos outros que ainda não se sentiram ou não foram chamados.

A sinodalidade, condição para que a Igreja seja fiel à sua essência e ao mandato de Cristo, não pode ser prisioneira de um determinado período temporal, nem estar “fechada” às pessoas por quem Jesus Cristo dá a sua Vida.

Por isso, a experiência dos grupos sinodais, com o método das rondas, onde todos são desafiados à escuta do Espírito Santo e dos demais irmãos, bem como a deixar a sua partilha e participação ativa, deve ser estratégia e instrumento a preservar e potenciar para além deste processo sinodal em curso.

A criação de pequenos grupos, isto é, de pequenas comunidades de fé, num ambiente afetuoso e próximo, para a escuta e partilha da Palavra de Deus, será promotora de verdadeiro encontro com o Senhor Jesus.

Também a experiência das assembleias diocesanas nos pode trazer a consciência e a prática de um ser Igreja, para além dos limites da comunidade paroquial.

## *Informações diversas*

O **Departamento Arquidiocesano da Pastoral Familiar** promoveu um encontro de famílias, em 26 de junho, no Sameiro.

Realizou-se em sintonia com o X Encontro Mundial das Famílias que decorreu em Roma de 22 a 26, a encerrar o Ano Família Amoris Laetitia.

O programa incluiu a celebração da Eucaristia, presidida por D. Nuno Almeida, e a celebração das bodas matrimoniais de 20 casais provenientes dos arceprestados de Braga, Vila do Conde/Póvoa de Varzim, Guimarães/Vizela, Vieira do Minho e Vila Nova de Famalicão.

O **Dia Arquidiocesano do Coordenador**, promovido pelo Departamento Arquidiocesano para a Formação e Ministérios Laicais, realizou-se em 04 de junho, no Espaço Vita. Teve por tema «Ser Igreja Samaritana ligando feridas».

A iniciativa, que se destinou aos coordenadores dos vários âmbitos pastorais (de Catequese, de Grupos de Jovens, de CNE, de Grupos “Semeadores de Esperança”, de Grupos Sócio-Caritativos, de Leitores, de Acólitos, de Grupos Corais, etc...),

contou com a participação especial de alguns utentes do Centro de Apoio e Reabilitação de Pessoas com Deficiência de Touguinha, em Vila do Conde, seguindo-se uma conversa entre o Pe. Jorge Vilaça, diretor do Centro de Escuta e Acompanhamento Espiritual, a Dra. Lúcia Soares, médica psiquiatra, e Rosa Machado, coordenadora.

Terminou com um momento musical do Grupo de Cantares do Seminário Conciliar.

**Um Momento de Oração pela Vida e Vocações** celebrou-se em 02 de junho na Igreja de Maximinos, em Braga.

Foi mais um dos muitos encontros de oração mensais promovidos pelo Departamento Arquidiocesano para a Pastoral Vocacional (DAPV) em colaboração com a Zona Pastoral da Cidade e Este do Arciprestado de Braga, que, ao longo de todo o ano pastoral,

percorrem as paróquias envolvidas.

Teve como principal objetivo interpelar a comunidade, “chamada pelo batismo à fundamental e universal vocação à Santidade, assim como promover um tempo propício à oração pelas vocações específicas, como a do matrimónio, a do sacerdócio ministerial e a de vida consagrada em geral, ou também, mais genericamente, vocações a ministérios laicais ligados aos carismas recebidos.

### **P. Germano Queirós**

Padre João Germano Queirós de Carvalho 1948-2022.



## 4. Clero e Seminários

Não foi de todo surpreendente para aqueles que, de algum modo, estavam atentos à sua vida, a notícia amarga que começou a circular nas primeiras horas da manhã de sexta-feira, 27 de maio: o padre Queirós morreu. Efetivamente, desde que lhe foi diagnosticada uma doença grave no outono de 2019, acompanhada de prognóstico de vida muito limitado, sabia-se que, naturalmente, o termo da sua peregrinação terrena era previsível a breve espaço. E assim aconteceu; tendo ele ido, ainda dias antes, visitar a sua mãe e sempre com demonstração de coragem e fé, aquele dia 27 de maio de 2022 foi o primeiro daquela vida em que acreditou e, no exercício do seu ministério sacerdotal, entusiasticamente proclamou.

O padre João Queirós foi o quarto pároco da paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Esta parcela do arceprelado de Guimarães, situada a noroeste da cidade, composta por zonas periféricas das freguesias de São Paio, Azurém, Fermentões e Creixomil, foi criada em oito de dezembro de 1980. As únicas estruturas de que dispunha para o cuidado pastoral da comunidade, um tanto artificial, assim constituída e que crescia a um ritmo explosivo de pessoas e famílias, grande parte de etnia cigana, carenciadas de respostas de toda a ordem, era a capela da Senhora da Conceição e respetiva Irmandade, a comunidade dos Religiosos Redentoristas, dispostos a ajudar, e um grupo de leigos atentos e determinados para a ação, designadamente na área social. Foi nomeado primeiro pároco o padre João Batista Pereira, redentorista que, ao cabo de cerca de um ano, passou o testemunho ao confrade, padre Abílio

dos Santos Barbas (1936-1993). Foi notável a ação deste homem de Deus: pujante de vida e ardor apostólico, em poucos anos de exercício pastoral, foi capaz de dotar a comunidade de organização e estruturas sólidas para a pastoral litúrgica, profética e sociocaritativa e projetar a construção dum Centro Social e de uma Igreja Nova. Ainda teve tempo de acompanhar as obras de preparação do terreno para edificação destas estruturas. Surpreendido pela chamada do Pai em plena atividade, sucedeu-lhe o padre Avelino Barros da Silva (1944-1995), este, sacerdote diocesano, ainda muito jovem, vindo do arciprestado de Terras do Bouro, onde se salientara pelo seu espírito apostólico e empreendedor. Foi, de facto, para a paróquia da Senhora da Conceição, uma nomeação à medida, como, aliás, veio a comprovar-se pelo dinamismo que foi capaz de imprimir para o desenvolvimento dos projetos já lançados. Em breve tempo, pouco mais de dois anos, com espírito de entrega total e sempre na linha da frente para sensibilizar pessoas e instituições para a construção destas estruturas e angariação de fundos, ele conseguiu pôr a funcionar o Centro Social com diversas valências e definir os parâmetros para a realização do outro sonho, a construção da igreja. Todavia os desígnios insondáveis de Deus não permitiram que os seus trabalhos continuassem e foi chamado também a receber, como cremos, o prémio dos justos, em 10 de novembro de 1995.

É neste contexto que, em julho de 1996, D. Eurico Dias Nogueira, arcebispo primaz, nomeia pároco de Nossa Senhora da Conceição o padre João Queirós. Nesta altura, operou-se uma alteração significativa na vida deste sacerdote: deixou a paróquia de S. Vicente, na cidade de Braga e pediu a exclausuração à Ordem do Carmo, de que era membro, para ser incardinado na arquidiocese de Braga. Na bagagem, o padre Queirós trazia os hábitos de oração, estudo e disciplina de cerca de trinta anos de vida religiosa, dos quais, os últimos seis, foram dedicados também ao ministério paroquial. Bem depressa, o tempo veio demonstrar que a escolha do prelado diocesano fora feliz. Na realidade, o padre Queirós

enfrentou com serenidade e determinação todos os desafios que a missão lhe impôs. São visíveis a conclusão do Centro Social e a construção da Igreja da Senhora da Conceição, inaugurada a 25 de setembro de 2005, mas dificilmente imagináveis as cansaças e interrogações que este homem de Deus teve de suportar. Devoto declarado, que era, da Senhora do Carmo, ele vivia plenamente convencido de que era apenas instrumento nas mãos de Deus. Para além das estruturas materiais e antes delas, ele sabia que eram os milhares de pessoas, aquele rebanho concreto, que lhe foi confiado, que exigia a entrega total. A sua robustez física, voz sonora e forte, aliadas a uma sobriedade de vida, não muito comum mesmo entre sacerdotes, conferiam-lhe uma capacidade interessante para ser acolhido e revelar-se acolhedor também para todas as pessoas. Disto falam especialmente as forças vivas da paróquia, associações e movimentos. Também a capela monumental da Senhora da Conceição lhe mereceu, desde sempre, uma atenção especial. Embora mal correspondido pelas entidades oficiais, com a ajuda e compreensão do presidente da Câmara Municipal, teve a felicidade de ver, em bom ritmo, as obras de restauro. Em 2004, foi nomeado capelão dos Bombeiros Voluntários de Guimarães. Ficou patente também, nesta Corporação, o espírito de serviço e simpatia do padre Queirós. Por seu lado, a Corporação foi exemplar na homenagem prestada no dia do funeral, com a presença do comandante e um número considerável de ativos, com bandeira e outros símbolos de solenidade.

A celebração das exéquias decorreu no dia 30 de maio, na igreja paroquial de Cabanelas, Vila Verde, sua terra natal. Presidiu à cerimónia, concelebrada por duas dúzias de sacerdotes, o arcebispo primaz, D. José Manuel Garcia Cordeiro. Nelas participou numerosa assembleia de fieis, com destaque para muitos paroquianos da Senhora da Conceição e a vereadora da Câmara Municipal de Guimarães, dr<sup>a</sup> Paula Oliveira. A inumação, no cemitério local, foi acompanhada pelo ato solene de homenagem dos bombeiros de Guimarães. Manda a justiça e os mais nobres sentimentos humanos e cristãos que nesta breve memória fique também uma

palavra de apreço para com o Marco, sobrinho do padre Queirós e a Marisa, dedicada colaboradora paróquia, organista e zeladora, que o acompanharam e serviram a tempo inteiro, durante todo o tempo de doença.

O padre João Germano Queirós de Carvalho nasceu a dois de março de 1948, na referida freguesia de Cabanelas. Entrou no Seminário Carmelitano de Viana do Castelo, em 1961. Em 1967 tomou o hábito de Nossa Senhora do Carmo no Santuário do Menino Jesus de Praga, Marco de Canaveses, onde fez também o noviciado e professou com o nome de frei João Germano da Sagrada Família, em 14 de agosto de 1968. Entre 1968 e 1973 frequentou o Instituto Superior dos Estudos Teológicos do Porto. Professou solenemente na Ordem do Carmo em 10 de julho de 1973 e em 07 de julho de 1974 foi ordenado sacerdote na Sé Catedral do Porto por D. António Ferreira Gomes. Foi conventual nas comunidades carmelitanas de Abrantes, Porto e Braga. Nesta, foi prior entre 1990 a 1996, acumulando a responsabilidade paroquial da freguesia de S. Vicente. Nomeado pároco de Nossa Senhora da Conceição em julho de 1996, cumpriu esta missão até setembro de 2020.

*Mons. J. M. Lima de Carvalho*

## *Notícias diversas*

**D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga**, Arcebispo Emérito, foi condecorado em 18 de junho pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique pelo trabalho realizado na Arquidiocese de Braga e na Conferência Episcopal Portuguesa.

No dia 24 recebeu na Câmara de Vila do Conde a Medalha de Mérito Municipal.

O **padre Albano Fernandes da Costa** foi homenageado em 18 de junho, na paróquia do Divino Salvador de Ribas, arciprestado de Celorico de Basto, a propósito das as Bodas de Oiro paroquiais.

A Câmara Municipal de Celorico de Basto, reunida no dia 15, aprovou por unanimidade um voto de louvor àquele sacerdote,

O **padre Miguel Rodrigues** publicou em livro a tese “Reconstruir o Rumor de Deus: para uma teologia estética da revelação”, texto em que procura desenvolver uma articulação entre a teologia e a cultura.

Pároco de Penselo (São João Baptista) e Fermentões (Santa Eulália), no arciprestado de Guimarães/Vizela, terminou o 2.º grau canónico, no curso de Doutoramento, pela Universidade Católica, pela Faculdade de Teologia em Braga, tendo sido ordenado sacerdote em 2021. Explora, no livro, a expressão do divino através da arte, assim como os efeitos dessas expressões na fé vivida pelos cristãos.

O livro foi editado pelo Secretariado Nacional de Liturgia na coleção de estudos litúrgicos “Hodie” (hoje).

O **Cónego Joaquim Félix de Carvalho** publicou o livro de poemas «Livro da Deslocação».

Prefaciado pelo Cardeal D. José Tolentino de Mendonça, foi apresentado em 28 de junho por Manuel Pinto na capela do Seminário Menor.

O **P. Porfírio Moreense Martins** foi homenageado postumamente em 04 de junho na paróquia de Alheira, arciprestado de Barcelos, numa iniciativa do grupo de jovens Tribus.

O ato decorreu no salão paroquial, durante uma mesa-redonda intitulada “Porfírio: o homem que é padre. Dar corpo à gratidão.”

Foi uma conversa moderada pelo Pe. Rúben Cruz, que contou com a participação de um jovem, um casal e um colega de

seminário.

Houve, ainda, momentos musicais proporcionados pelos coros de três comunidades.

Aquele sacerdote faleceu em 10 de maio de 2019, com 68 anos de idade. Era, na altura, pároco de Alheira (Santa Marinha), Alvito (S. Pedro e S. Martinho) e Igreja Nova (Santa Maria).

## *Notícias diversas*

## 5. Religiosos/as

**O P. Domingos Monteiro da Costa, S.J.**, apresentou em 04 de junho em Rego, arciprestado de Celorico de Basto, o livro «Memórias de um pároco de aldeia».

Nascido na freguesia de Rego, em 1940, ingressou na Companhia de Jesus e foi ordenado sacerdote na Covilhã, em 30 de junho de 1972. É pároco na diocese do Algarve.

**Maria Agostinha**, das Irmãs Missionárias de S. José de Cluny, faleceu em 14 de junho.

No dia seguinte foi celebrada Missa exequial na capela privativa do Colégio de S. José de Cluny, em Nogueiró, Braga.

Foi sepultada no cemitério de Monte d'Arcos, em jazigo da Comunidade.

Era natural de Angola.

**Recolecção e Vigília de Pentecostes.** O Centro Espírito Santo e Missão, na freguesia da Silva, arciprestado de Barcelos, organizou em 04 de junho uma recolecção e vigília de Pentecostes.

O padre espiritano Adélio Fonte orientou um momento de oração e meditação baseado nas palavras de Jesus, no Evangelho de S. João: “Do seio daquele que acreditar em Mim jorrarão rios de água viva”.

Depois de um tempo pessoal e possibilidade de celebrar indivi-

dualmente o sacramento da Reconciliação foi celebrada a Eucaristia, seguida da “Via Lucis”, jantar e vigília.

## *Notícias diversas*

**Igreja de S. Vicente, Braga.** A Irmandade do Mártir S. Vi-



## 6. Património

cente e a paróquia de S. Vicente, no arciprestado de Braga, estão a fazer obras de recuperação na igreja, estimadas em duzentos mil euros. Incidem na cobertura e no extradorso da abóbada.

**O Carrilhão do Santuário da Penha**, no arciprestado de Guimarães e Vizela, foi recuperado e automatizado.

Constituído por dezanove sinos de diferentes tamanhos e com um peso total de 4.155 quilogramas o carrilhão foi inaugurado em setembro de 1949, após a conclusão da cruz da torre sineira do santuário e da mísula albergando o Anjo voltado para a cidade, numa oferta da Cooperativa dos Pedreiros Portuenses, tendo como modelo uma obra do pintor António Cruz.

**Uma custódia manuelina**, que existiu na Sé de Braga e se considerava perdida, encontra-se numa sala do Castelo de Chantilly, em França, segundo informou o «Diário do Minho» de 10 de junho.

É uma peça de prata dourada com 70 centímetros de altura. Combina múltiplos pináculos, arcos de trevo, ornamentos de plantas, pequenas estátuas, armas e símbolos dos reis de Portugal. É datada de 1500 – 1520.

**A paróquia de Galegos S. Martinho**, do arciprestado de Barcelos, inaugurou em 19 de junho obras de restauro na igreja paroquial, que tiveram a duração de quatro anos. Durante este período a Missa foi celebrada no salão paroquial.

**A paróquia de Seide S. Paio**, do arciprestado de Vila Nova de Famalicão, inaugurou o Largo Nossa Senhora do Parto e obras de requalificação na residência paroquial, onde foram criadas cinco salas de catequese.

**No Mosteiro de Tibães** está em curso a empreitada de reabilitação das coberturas e tratamento das fachadas da capela-mor da Igreja.

“A obra na cobertura da Igreja prevê uma forte melhoria no seu desempenho técnico, aumentando significativamente a sua capacidade para uma mais eficaz condução e escoamento das águas pluviais. Esta situação vai permitir assegurar a preservação do espólio existente no interior da igreja, garantindo-lhe as condições ambientais mais adequadas”, explicou a Direção Regional de Cultura do Norte (DRCN) em comunicado.

Além da intervenção física na estrutura construtiva da Igreja um dos objetivos da obra é precisamente a proteção do espólio artístico existente no seu interior, já intervencionado e atualmente em risco de perda, por condições ambientais inadequadas à sua preservação.

O Mosteiro de Tibães está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1944 e aguarda a reclassificação como Monumento Nacional.

Desde 1986, data da respetiva aquisição pelo Estado Português, o imóvel tem vindo a ser recuperado e reabilitado, dado o profundo estado de degradação em que se encontrava.

**A paróquia de Vila Nova de Sande**, do arciprestado de Guimarães e Vizela, inaugurou obras de restauro no interior da igreja e um novo altar, benzido por D. Nuno Almeida.

#### **Peregrinação ao Sameiro**

Uma peregrinação arquidiocesana ao santuário de Nossa Senhora do Sameiro realizou-se em 05 de junho.

O cortejo, que acompanhou o andor com a Imagem de Nossa

## 7. Educação da Fé

Senhora, no qual se incorporou D. José Cordeiro, saiu da Catedral às 07h00.

À chegada foi celebrada Missa campal presidida por D. José Cordeiro.

À homilia o Prelado destacou a importância de “escutar”, numa alusão ao atual processo sinodal que decorre na Igreja, por iniciativa do Papa Francisco.

“Peregrinar a pé como fizemos, disse, é peregrinar com o corpo todo, com todos os sentidos, e é sobretudo escutar: escutar a Deus, escutar os outros, escutar o próprio coração, escutar a natureza, a criação, escutar as ruas da cidade, as casas, os lugares onde habitamos, o nosso quotidiano”.

Sublinhou que os participantes saíram da Sé “na companhia da mãe”, a imagem de Nossa Senhora da Conceição que “é coroada com o Espírito Santo”, evocando assim a celebração da solenidade de Pentecostes.

Convidou os participantes a serem, “antes de mais, capazes de escutar o Espírito Santo”, até mesmo antes de se escutarem uns aos outros, e “escutar o grito dos que sofrem, dos que precisam de ajuda”.

“E alguns, se calhar, sem poderem gritar, mas que esperam o nosso olhar atento, o nosso ouvido do coração”, realçou.

D. José Cordeiro afirmou que a vida toda é um caminho, é uma peregrinação, e “a grande diferença” é se a fazem “com Cristo

ou é sem ele”, se vão juntos ou sozinhos, “cada um com os seus interesses, ou então convergentes para o bem comum”, como esta peregrinação os “faz sentir”.

Lembrou que na arquidiocese se realizam muitas peregrinações e que já participou em algumas, realçando que “todas, de certa maneira, têm a sua matriz na Peregrinação do Sameiro”.

“Esta peregrinação é como uma escola do seguimento de Cristo com Maria, na oração, no cântico, no silêncio, na escuta, para que possamos ser, verdadeira e autenticamente, uma Igreja sinodal samaritana”.

“Esta imagem não é uma estátua de madeira apenas por mais bela que seja, é muito mais do que isso, remete-nos para algo invisível e algo imaterial”, acrescentou.

A propósito da Assembleia Sinodal prevista para o próximo dia 14 referiu que no Conselho Pastoral Arquidiocesano disseram que, segundo os grupos sinodais, “há uma dívida de escuta na Igreja”, e as peregrinações são momento de escuta.

## *Notícias diversas*

**Uma Oratória Pascal** foi celebrada em 03 de junho na igreja de São Vicente, em Braga. A participação musical esteve a cargo do Coro Cantabile da Casa do Professor, sob orientação da maestrina Sara Rei.

A Paróquia e a Irmandade do Mártir São Vicente pretenderam, com esta iniciativa, que incluiu momentos musicais, de escuta da Palavra de Deus e de reflexão, valorizar a unidade de todo o Tempo Pascal. Daí, a escolha da data: sexta-feira antes da solenidade de Pentecostes.

Efetivamente, disseram os organizadores, a nossa cidade tem muitas propostas para a Quaresma e a Semana Santa. Contudo, o tempo festivo da Páscoa deve ser também assinalado como um marco cristão na cultura urbana de Braga.

**O Coro e Orquestra da Escola Arquidiocesana de Música Litúrgica** apresentou, numa série de três concertos nos dias 17, 18 e 19 de junho, a Suite Pascal e Ofício de Completas.

A apresentação das obras passou pela Igreja de São Francisco, em Guimarães, no dia 17 de junho; pela Igreja de São Paulo, em Braga, no dia 18; pela Igreja de São Tiago de Carreira, em Famalicão, no dia 19.

A Suite Pascal e Ofício de Completas são obras conjuntas de Eurico Carrapatoso e do cónego Hermenegildo Faria.

**A Festa de Nossa Senhora do Parto**, na paróquia de S. Paio de Seide, do arceprelado de Vila Nova de Famalicão, foi celebrada nos dias 18 e 19 de junho e contou com uma bênção de grávidas.

**Crismandos em retiro.** Quatro dezenas de crismandos das paróquias de Palmeira e Curvos, do arceprelado de Esposende, participaram num retiro efetuado em 28 e 29 de junho no Centro Social João Paulo II, na Apúlia.

**A Rondada Lapinha**, no arceprelado de Guimarães e Vizela, realizou-se em 19 de junho, nos moldes tradicionais, com o lema «Com Maria, peregrinamos ao encontro do irmão».

Percorreu uma distância de 21 quilómetros passando por catorze paróquias, seguindo uma tradição que vem do século XVII.

Presidiu à Missa D. José Cordeiro.

**A Irmandade do Príncipe dos Apóstolos São Pedro** promoveu, de 29 de junho a 03 de julho, a Festa de São Pedro, com um programa que inclui um colóquio com D. José Cordeiro, a visita aos espaços da Basílica, a atuação da Tuna Feminina de Engenharia da Universidade do Minho (Tun'Obebes), um workshop e celebrações litúrgicas.

Fundada em 1616, a Irmandade do Príncipe dos Apóstolos São Pedro tem sede na Basílica de São Pedro, largo do Toural, em Guimarães. A sua igreja foi, na Arquidiocese de Braga, a primeira a receber a distinção de Basílica, um estatuto conferido por Bento XIV em 1751.

Tem em curso diversos projetos, estando em perspetiva a iluminação exterior da Basílica de São Pedro, a reabilitação do interior da torre, a substituição do sistema elétrico, a melhora do sistema sonoro, a preservação de madeiras, a resolução de problemas de humidade e o restauro dos altares.

**Uma celebração interparoquial do Crisma** realizou-se em 26 de junho na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Fafe. D. Nuno Almeida crismou cerca de 280 cristãos.

O ofertório da Missa teve como finalidade ajudar a recuperar uma escola, na Ucrânia. Recolheram-se 2.045 euros.

Cada um dos crismados recebeu uma biografia do Venerável Bernardo de Vasconcelos: «O Frei Bernardo contado aos Jovens».

## *Notícias diversas*

**A FNA-Fraternidade Nuno Álvares** (escuteiros adultos)

## 8. Apostolado dos Leigos

da Região de Braga promoveu nos dias 10, 11 e 12 de junho a quinta edição do Acampamento Regional (ACAREG) no Campo Escola de Fraião, em Braga. Subordinou-se ao tema «Raízes de afeto e esperança».

A Região de Braga tem um contingente de cerca de mil escuteiros adultos distribuídos por 74 núcleos.

A criação da FNA teve origem em Braga, no Sameiro, em 21 de maio de 1939.

**Arciprestado de Barcelos: Dia da Família.** O arciprestado de Barcelos, através da Equipa Arciprestal da Pastoral Familiar, celebrou em 26 de junho, no monte de Nossa Senhora da Franqueira, situado na paróquia de Pereira, o Dia da Família.

O arcebispo emérito D. Jorge Ortiga presidiu a uma celebração eucarística campal, na qual foram entregues diplomas aos casais jubilados neste ano – os que celebram 25, 50, 60 e 75 anos de matrimónio.

**A Comunidade de Leitura da paróquia de S. José de S. Iázar** refletiu em 14 de junho sobre o livro «O perfume das flores à noite», de Leila Slimani.

**Liga Operária Católica.** Durante o XVIII Congresso Nacional que decorreu no Luso em 10 e 11 de junho Américo

Monteiro foi reeleito coordenador nacional. Fátima Pinto foi eleita vice-coordenadora. Teve por tema «Dignificar o trabalho, cuidar da casa comum».

**O Centro Pastoral Universitário**, em Gualtar, encerrou em 10 de junho mais um ano de atividades.

O programa, em que participou D. José Cordeiro, principiou com a celebração da Eucaristia, seguida de jantar e de sarau recreativo.

No dia 19 o «Projeto Mais Proximidade», que a Pastoral Universitária dinamiza, reuniu no Parque da Ponte, em Braga, com alguns dos idosos que acompanha desde o início do ano.

**No Núcleo de Guimarães do Corpo Nacional de Escutas** foram investidas, durante o mês de junho, seis novas dirigentes: Ana Cristina Ferreira Pereira e Andreia Machado Fernandes, no Agrupamento 546, em S. Jorge de Selho; Daniela Beatriz Abreu Faria, no Agrupamento 456, em Silvares; Adriana Carina Martins Batista e Sandrina Pereira Neves, em Santo Tirso de Prazins, Agrupamento 882; Vânia Patrícia Sousa Cardoso, no Agrupamento 1259, em S. Clemente de S. ande.

## *Mais escola, melhor família*

O Espaço Vita, tendo como anfitrião D. José Cordeiro, Arce-



## 9. Pastoral Social

bispo Primaz, acolheu em 08 de junho a iniciativa do Correio da Manhã e da CMTV, “Mais Escola, Melhor Família”.

O projeto tem como objetivo discutir as realidades quotidianas das escolas e das famílias, concentrando-se em fenómenos como o bullying e o cyberbullying.

Entre os palestrantes estiveram Paulo Sargento, professor universitário e psicólogo; Ricardo Rio, Presidente da Câmara Municipal de Braga; Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República; Carlos Neto, professor Catedrático Jubilado da FMH; Carlos Anjos, Presidente da Comissão de Proteção às Vítimas de Crime; Paulo Costa, Presidente da Associação Anti-Bullying.

Coube a D. José Cordeiro o discurso de encerramento, no qual saudou vivamente a iniciativa do CM e da Cofina. Explicando que este foi mais um desafio a todos os presentes para contribuírem para humanizar a humanidade, o Arcebispo Primaz evocou a poesia de Sebastião Alba para dizer que todos somos feitos de encontros e experiências com os outros.

“Hoje ouvi e aprendi muito. O Papa Francisco lançou há pouco uma mensagem que o Correio da Manhã está a realizar: escutar com o ouvido do coração. Escutar é muito mais do que ouvir, é agir em conformidade”, indicou.

D. José Cordeiro recordou ainda Sophia de Mello Breyner, pedindo paz, esperança e justiça, “sem vencedor e sem vencidos”:

Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos  
Que o tempo que nos deste seja um novo  
Recomeço de esperança e de justiça  
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Erguei o nosso ser à transparência  
Para podermos ler melhor a vida  
Para entendermos vosso mandamento  
Para que venha a nós o vosso reino  
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Fazei Senhor que a paz seja de todos  
Dai-nos a paz que nasce da verdade  
Dai-nos a paz que nasce da justiça  
Dai-nos a paz chamada liberdade  
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

“Outra curiosidade que gostaria de deixar convosco, afirmou D. José a concluir: há uns dias, um amigo dizia-me que os filhos já não obedecem aos pais nem aos professores... mas imitam-nos!”

## *Notícias diversas*

**A Caritas Arquidiocesana** promoveu em 09 de junho uma ação destinada a capacitar agentes de educação para a promoção

da cidadania e igualdade de género. Inseriu-se no projeto «B!One – Escola Mais Igual».

**O Centro de Solidariedade de Braga / Projecto Homem** celebrou o 20º aniversário do Programa “Livre de Drogas em Meio Prisional”, no Estabelecimento Prisional e Regional de Braga e Guimarães.

Realizou também em 30 de junho um webinar subordinado ao tema “A intervenção em CAD em contexto prisional: 20 anos e depois?”

## *Legalização da Eutanásia e do suicídio assistido*



3.

Da Igreja em Portugal



*Comunicado da Conferência Episcopal Portuguesa,  
datado de 09 de julho, sobre a legalização da  
eutanásia e do suicídio assistido.*

1. A Conferência Episcopal Portuguesa reafirma a sua oposição à legalização da eutanásia e do suicídio assistido e distancia-se de iniciativas legislativas que insistem na sua aprovação, nomeadamente os projetos de lei votados hoje na Assembleia da República.

2. Quando o mandamento de Deus diz “não matarás”, todos nós ficamos protegidos. Quando a lei dos homens permite ao Estado – às vezes e em certos casos – tirar a vida, todos nós ficamos expostos. A dignidade humana, que deve ser garantida sempre e também no fim da vida, não passa pelo direito a pedir a morte mas pela garantia de todos os cuidados para evitar o sofrimento, como indicam os códigos deontológicos dos profissionais de saúde, reafirmados no contexto das reincidentes iniciativas legislativas de alguns grupos parlamentares pelas respetivas ordens profissionais.

3. Os projetos de lei aprovados representam um alargamento da legalização da eutanásia e do suicídio assistido para além das situações de morte iminente abrangendo também situações de doença incurável e deficiência, o que aproximará a nossa legislação dos sistemas mais permissivos já existentes, que felizmente são

muito poucos.

4. Reafirmamos que a morte provocada não pode ser a resposta dada pelo Estado e pelos serviços de saúde a quaisquer dessas situações. A “mensagem cultural” que a legalização da eutanásia e do suicídio assistido veicula é a de que a morte provocada é uma resposta possível para enfrentar tais situações. Tal resposta deverá ser sempre a do esforço solidário para combater e aliviar a doença e o sofrimento, designadamente através dos cuidados paliativos, ainda não acessíveis à maioria dos portugueses deles necessitada. Com a eutanásia e o suicídio assistido não se combate o sofrimento, suprime-se a vida da pessoa que sofre. Neste contexto, é evidente o perigo de que haja doentes, especialmente os mais vulneráveis, que se sintam socialmente pressionados a requerer a eutanásia, porque se sentem “a mais” ou “um peso” em termos familiares e sociais. Propaga-se, assim, a cultura do “descartável” continuamente denunciada pelo Papa Francisco.

5. Acreditamos no esclarecimento necessário sobre a eutanásia e o suicídio assistido, valorizamos quem distancia tais práticas de atos médicos e reafirmamos o valor da vida de todas as pessoas e em qualquer circunstância, na expectativa de que processos legislativos não resultem de tendências políticas dominantes mas decorram da escolha dos cidadãos.

*Lisboa, 9 de junho de 2022*

## *Assembleia extraordinária*

*Comunicado final da 203.ª Assembleia Plenária extraordinária da CEP.*



1. A 203.<sup>a</sup> Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa decorreu em Fátima na manhã de 22 de junho de 2022. Além dos membros da Conferência, estiveram também presentes o Senhor Núncio Apostólico e as presidentes da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP) e da Conferência Nacional dos Institutos Seculares de Portugal (CNISP).

2. A Assembleia aprovou o documento «Ministérios Laicais para uma Igreja Ministerial», que diz respeito aos Mistérios já instituídos de Leitor, Acólito e Catequista. Sobre os outros Ministérios, é um processo a continuar, como se diz na conclusão: «A Conferência Episcopal Portuguesa propõe que, no âmbito do processo sinodal em marcha e depois de consolidada a prática dos ministérios oficialmente já instituídos, se abra um caminho de diálogo e de reflexão pastorais, com propostas bem concretas, em ordem ao reconhecimento e/ou à instituição de novos ministérios laicais». Foi também aprovado o rito para a Instituição de Catequistas.

3. A Assembleia aprovou a constituição da Equipa Sinodal da Conferência Episcopal Portuguesa, com o objetivo de elaborar a síntese da CEP a partir das sínteses diocesanas, a qual será enviada à Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos até 15 de agosto de 2022, e acompanhar o processo sinodal a nível da CEP: Carmo Rodeia, Diretora do Departamento de Comunicação do Santuário de Fátima; Anabela Sousa, Diretora do Departamento de Comunicação da Diocese de Setúbal; Isabel Figueiredo, Diretora do Secretariado Nacional das Comunicações Sociais da Igreja; Paulo Rocha, Diretor da Agência Ecclesia; Pedro Gil, Diretor do Departamento de Comunicação do Opus Dei; Padre Eduardo Duque, Diretor Nacional da Pastoral do Ensino Superior; Padre Manuel Barbosa, Secretário da CEP (coordenador).

4. A Assembleia tomou nota das sugestões e propostas dos participantes nas Jornadas Pastorais do Episcopado, expressas em comunicado, as quais serão retomadas na próxima Assembleia Ple-

nária, assim como a síntese sinodal da CEP.

5. A Assembleia acertou procedimentos comuns quanto ao acesso aos arquivos diocesanos por parte do Grupo de Investigação Histórica (GIH) ligado à Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais de Crianças na Igreja Católica Portuguesa. O documento anexo «12 perguntas e respostas sobre os arquivos das dioceses – segundo o direito da Igreja», de caráter pedagógico, contém informações e critérios sobre o assunto.

6. A Assembleia foi informada sobre o documento «Base comum de atuação das Comissões Diocesanas para Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis», aprovado pela respetiva Equipa de Coordenação Nacional e homologado pelo Conselho Permanente da CEP.

## *Arquivos das dioceses*

*A Conferência Episcopal Portuguesa publicou em 22 de junho 12 perguntas e respostas sobre os arquivos das dioceses – segundo o direito da Igreja.*

1. O que é o arquivo das dioceses?

É a conservação dos documentos relativos ao funcionamento da Diocese, à sua história, e ao seu património.

2. Fisicamente como é o arquivo da diocese?

Corresponde, habitualmente, a uma ou mais salas, onde os documentos são conservados, depois de catalogados e indexados. Podem ser conservados em vários tipos de suporte (papel, digital, etc.).

3. O arquivo da diocese é único?

O arquivo da diocese é designado pela lei da Igreja como “arquivo geral da diocese” e é único.

4. Que documentos se conservam no “arquivo geral da diocese”?

O arquivo geral da diocese conserva um conjunto muito variado de documentos respeitantes, em geral, ao funcionamento da diocese e das paróquias que a constituem, nomeadamente:

- documentos emanados pela Cúria diocesana;
- correspondência da Cúria diocesana com pessoas e instituições, quer eclesiásticas quer civis;
- documentos e escrituras relativos aos assuntos diocesanos;
- cópias dos atos e documentos relacionados com as igrejas existentes no território diocesano;
- livros de registo das ordenações sagradas;
- documentos relativos à realização da dedicação ou da bênção de uma igreja ou à bênção de um cemitério;
- cópia do inventário de cada uma das instituições eclesiais presentes no território da Diocese;
- cópia dos documentos e instrumentos relativos ao funcionamento da própria Cúria Diocesana.

#### 5. Quem tem acesso ao arquivo geral da diocese?

Ao arquivo geral da Cúria Diocesana tem acesso o Bispo da Diocese e o Chanceler da Cúria. A ambos é confiada a chave do arquivo.

O Bispo diocesano ou o Chanceler da Cúria juntamente com o Moderador da Cúria (que será, habitualmente, o Vigário geral), podem permitir que outras pessoas, por motivos justificados, acedam ao arquivo geral da Diocese.

#### 6. No único arquivo geral da diocese todos os documentos são sujeitos ao mesmo tratamento?

O arquivo geral da diocese tem 4 partes diferentes:

- o próprio arquivo geral, onde estão guardados os documentos que estão em uso pela Cúria diocesana;
- o arquivo histórico, onde são conservados todos os documentos com valor histórico ou aqueles que deixaram de ter um uso corrente;
- o arquivo secreto, que está sujeito a regras específicas;

o arquivo reservado, onde são guardados os documentos relativos aos matrimónios e aos processos de ordenação dos clérigos.

#### 7. Que documentos guarda o arquivo secreto?

O arquivo secreto conserva documentos alusivos a várias situações relativas à condição das pessoas (clérigos e não clérigos), nomeadamente:

permissão de acesso a sacramentos após dispensa de impedimentos que são desconhecidos no meio em que vive o interessado;

documentos sobre os matrimónios celebrados em segredo;

documentos sobre admonições ou repreensões formais realizadas pelo Bispo a algum sacerdote ou leigo;

os documentos relativos aos processos penais da Igreja;

informações sobre clérigos em mudança para uma nova diocese;

as pessoas, indicadas pelo bispo logo após tomar posse, que ficarão a governar a diocese em caso de impedimento, e até que a Santa Sé ou o Colégio de consultores decida outra solução provisória ou definitiva.

#### 8. Qual a razão de ser do arquivo secreto?

O arquivo secreto, com as suas regras mais estritas, serve para respeitar as pessoas referidas nos documentos, tendo em conta a natureza dos factos a que se referem e cujo conhecimento deve estar ao alcance somente das pessoas indispensáveis para a resolução eficaz de cada situação concreta, e pelo tempo mínimo indispensável.

#### 9. Quem tem acesso ao arquivo secreto?

Só o bispo pode ter a chave de acesso ao arquivo secreto. O acesso é sempre feito pelo bispo ou com o bispo. O arquivo secreto pode assumir várias formas (um espaço no arquivo geral; um armário exclusivo; um cofre; etc.), deve ficar fechado à chave e o seu conteúdo, quando consultado, não pode ser copiado nem dele ser retirado, e não pode ser possível mudar o arquivo secreto de lugar.

10. Até quando ficam os documentos reservados no arquivo secreto?

A lei da Igreja estabelece a eliminação anual dos documentos de causas criminais canónicas em matéria de costumes relativas a pessoas que tenham morrido ou tenham sido canonicamente punidas há, pelo menos, dez anos, conservando-se um breve sumário do facto com o texto da sentença definitiva.

11. Que acesso vai ter a Comissão Independente aos arquivos diocesanos?

A Comissão Independente tem por missão recolher informação sobre factos relativos a abusos sexuais de menores cometidos por pessoas com funções na Igreja, pelo que os documentos que existam situam-se no arquivo secreto da diocese. O acesso é feito em articulação direta com o bispo de cada diocese.

12. É verdade que o Papa Francisco eliminou o “segredo pontifício” relativo aos casos de abusos?

O Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado, em carta de 9 de junho dirigida ao Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, esclarece:

“A Instrução sobre a reserva das causas, de 6 de dezembro de 2019, eliminou o segredo pontifício das denúncias, dos processos e das decisões relativas aos delitos contra o sexto mandamento cometidos por clérigos ou membros de Institutos de Vida consagrada ou de Sociedades de Vida Apostólica, que continuam, porém, protegidos pelo Segredo de ofício.

Corresponde, portanto, a cada Ordinário autorizar o Grupo de investigação histórica da Comissão Independente a consultar a documentação conservada nos arquivos eclesíasticos, mesmo secretos, sempre sob a supervisão do Bispo diocesano ou do Superior maior.

Deverá ter-se especial cuidado – recomendando-o expressamente aos membros da Comissão – de tratar com reserva as informações das quais venham a ter conhecimento, com a finalidade de salvaguardar adequadamente a privacidade e a boa fama das pessoas envolvidas.”

## *Jornadas Pastorais do Episcopado*

*Comunicado final das Jornadas Pastorais da Conferência Episcopal Portuguesa, realizadas em Fátima em 20-21 de junho.*

1. As Jornadas Pastorais do Episcopado decorreram na Casa Nossa Senhora das Dores, no Santuário de Fátima, nos dias 20 e 21 de junho, sobre o tema “Sinodalidade nas Igrejas locais e na missão da Conferência Episcopal”, e contaram com cerca de 100 participantes, nomeadamente o episcopado português e sacerdotes e leigos das várias dioceses, serviços da Conferência Episcopal e representantes da vida consagrada.

2. O processo sinodal de escuta em curso, que ocorreu em grupos, formais ou informais, paróquias e dioceses, constitui uma grande interpelação de ordem prática e operativa, de transformação de mentalidades e atitudes, de passagem das palavras aos atos, permitindo o aprofundamento da sinodalidade como o modo de ser Igreja. Trata-se de um ponto sem retorno, antecipando-se o desejo de lhe dar continuidade.

3. Os trabalhos iniciaram com uma conferência do professor José Eduardo Borges de Pinho, sobre o tema “Sinodalidade como interpelação às Igrejas locais e à colegialidade episcopal”, e do padre Sérgio Leal, que apresentou as “resistências e oportunidades” do caminho sinodal.

4. A partir da apresentação de algumas sínteses da fase diocesana do processo sinodal, que aconteceu no decorrer destas Jornadas,

assinalam-se fragilidades, oportunidades e desafios comuns deste processo sinodal.

5. A partilha do trabalho realizado nas várias dioceses, apresentado no decorrer das Jornadas, aponta para preocupações comuns: desvalorização da condição batismal e excessivo clericalismo de sacerdotes, consagrados e leigos; dívida de escuta das pessoas mais frágeis e excluídas; maior proximidade em relação a quem é diferente e a pessoas com deficiência; dificuldade em acolher e dialogar, em escutar e estar com os jovens, em promover a corresponsabilidade nos processos de decisão e de escolha de lideranças, em discernir e regulamentar os ministérios ordenados e na definição de estratégias de comunicação que permitam o anúncio do Evangelho na atualidade.

6. A consciência das fragilidades que habitamos é essencialmente motivadora para descobrir novos pontos de encontro, acolher todas as ansiedades na certeza da presença do Espírito Santo e gerir expectativas que um movimento sinodal pode gerar.

7. Com o propósito de tomar decisões concretas e indispensáveis que nos ajudem a enfrentar a complexidade da época em que vivemos, os participantes nas Jornadas Pastorais do Episcopado propuseram, em trabalhos de grupo, sugestões para o exercício da sinodalidade nas igrejas locais:

promover continuamente o exercício da escuta, nomeadamente junto dos jovens, retomando, nas comunidades, associações e movimentos, as sínteses e relatórios elaborados, para dar continuidade a este processo sinodal, com reflexos operacionais na definição de planos pastorais;

criar grupos de acolhimento qualificados, de conhecimento da comunidade, que sejam promotores da amizade e da fraternidade;

apostar na comunicação, interna e externa, e definir um plano de comunicação;

- promover a formação, de matriz sinodal, do clero e dos leigos;
- promover o papel da mulher na Igreja;

- trabalhar em rede e valorizar os órgãos sinodais e de participação paroquiais ou diocesanos já existentes, enquanto espaços de verdadeiro discernimento, avaliando a pertinência de limitação de mandatos, sem burocratizar, e apostando na participação laical e na corresponsabilidade eclesial;

- implementar a obrigatoriedade dos conselhos pastorais;

- fomentar e alimentar a conversão espiritual e pastoral, animando a mudança de mentalidades de agentes pastorais, tornando a comunidade acessível a todos e partilhando boas práticas entre dioceses vizinhas;

- valorizar o consenso que caminha para a verdade e que não compromete a unidade.

8. Acerca da sinodalidade na Conferência Episcopal, os 10 grupos de trabalho sugerem:

- melhorar a comunicação, interna e externa, cuidar a linguagem e definir um plano de comunicação para a Igreja Católica em Portugal;

- dar continuidade ao processo sinodal, divulgando boas práticas existentes, definindo próximos passos e operacionalizando as propostas sinodais desde as bases, as comunidades e paróquias;

- viver efetivamente a sinodalidade entre as dioceses, entre os serviços da CEP e entre os bispos, criando redes de contactos, promovendo sinergias e propondo linhas orientadoras para todo o país ou mesmo um plano pastoral comum;

- estudar a criação de ministérios laicais, nomeadamente da caridade e do acolhimento;

- repensar a sustentabilidade económica das estruturas da Igreja Católica em Portugal, promovendo a partilha de soluções, alargando equipas de assessores e cuidando a profissionalização dos serviços;

- tornar a nomeação de novos bispos mais célere, a acontecer num espírito de sinodalidade e com a participação da comunidade;

- repensar a formação nos seminários e a formação permanente



dos sacerdotes, em chave sinodal;

promover uma possível reorganização de serviços e setores da Conferência Episcopal inspirada na reforma da Cúria Romana, recentemente operacionalizada e já em vigor, com maior participação laical.

Fátima, 21 de junho de 2022

Os participantes nas Jornadas Pastorais do Episcopado

*Jesus Cristo fez-Se pobre por  
vós (cf. 2 Cor 8, 9)*

*Mensagem do Santo Padre Francisco para o VI  
Dia Mundial dos Pobres que se celebra em 13*



4.

Da Santa Sé



*de novembro de 2022.*

1. «Jesus Cristo (...) fez-Se pobre por vós» (2 Cor 8, 9).

Com estas palavras, o apóstolo Paulo dirige-se aos cristãos de Corinto para fundamentar o seu compromisso de solidariedade para com os irmãos necessitados.

O Dia Mundial dos Pobres torna este ano como uma sadia provocação para nos ajudar a refletir sobre o nosso estilo de vida e as inúmeras pobrezaas da hora atual.

Há alguns meses, o mundo estava a sair da tempestade da pandemia, mostrando sinais de recuperação económica que se esperava voltasse a trazer alívio a milhões de pessoas empobrecidas pela perda do emprego. Abria-se uma nesga de céu sereno que, sem esquecer a tristeza pela perda dos próprios entes queridos, prometia ser possível tornar finalmente às relações interpessoais diretas, encontrar-se sem embargos nem restrições. Mas eis que uma nova catástrofe assomou ao horizonte, destinada a impor ao mundo um cenário diferente.

A guerra na Ucrânia veio juntar-se às guerras regionais que, nestes anos, têm produzido morte e destruição.

Aquí, porém, o quadro apresenta-se mais complexo devido à intervenção direta duma «superpotência», que pretende impor a sua vontade contra o princípio da autodeterminação dos povos.

Vemos repetir-se cenas de trágica memória e, mais uma vez, as ameaças recíprocas de alguns poderosos abafam a voz da humanidade que implora paz.

## 2. Quantos pobres gera a insensatez da guerra!

Para onde quer que voltemos o olhar, constata-se como os mais atingidos pela violência sejam as pessoas indefesas e frágeis. Deportação de milhares de pessoas, sobretudo meninos e meninas, para os desenraizar e impor-lhes outra identidade.

Voltam a ser atuais as palavras do Salmista perante a destruição de Jerusalém e o exílio dos judeus: «Junto aos rios da Babilônia nos sentamos a chorar, / recordando-nos de Sião. / Nos salgueiros das suas margens / penduramos as nossas harpas. / Os que nos levaram para ali cativos / pediam-nos um cântico; / e os nossos opressores, uma canção de alegria / (...). Como poderíamos nós cantar um cântico do Senhor, / estando numa terra estranha?» (Sal 137, 1-4).

Milhões de mulheres, crianças e idosos veem-se constrangidos a desafiar o perigo das bombas para pôr a vida a salvo, procurando abrigo como refugiados em países vizinhos.

Entretanto, aqueles que permanecem nas zonas de conflito têm de conviver diariamente com o medo e a carência de comida, água, cuidados médicos e sobretudo com a falta de afeto familiar.

Nestes momentos, a razão fica obscurecida e quem sofre as consequências é uma multidão de gente simples, que vem juntar-se ao número já elevado de pobres.

Como dar uma resposta adequada que leve alívio e paz a tantas pessoas, deixadas à mercê da incerteza e da precariedade?

## 3. Neste contexto tão desfavorável, situa-se o VI Dia Mundial dos Pobres, com o convite – tomado do apóstolo Paulo – a manter o olhar fixo em Jesus, que, «sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza» (2 Cor 8, 9).

Na sua visita a Jerusalém, Paulo encontrara Pedro, Tiago e João, que lhe tinham pedido para não esquecer os pobres. De facto, a comunidade de Jerusalém debatia-se com sérias dificuldades devido à carestia que assolara o país. O Apóstolo preocupou-se imediatamente em organizar uma grande coleta a favor daqueles pobres. Os cristãos de Corinto mostraram-se muito sensíveis e disponíveis. Por indicação de Paulo, em cada primeiro dia da semana recolhiam quanto haviam conseguido poupar e todos foram muito generosos.

Como se o tempo tivesse parado naquele momento, também nós, cada domingo, durante a celebração da Santa Missa, cumprimos o mesmo gesto, colocando em comum as nossas ofertas para que a comunidade possa prover às necessidades dos mais pobres.

É um sinal que os cristãos sempre cumpriram com alegria e sentido de responsabilidade, para que a nenhum irmão e irmã faltasse o necessário. Já o testemunhava no século II São Justino que, ao descrever ao imperador Antonino Pio a celebração dominical dos cristãos, escrevia: «No dia do Sol, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades quer dos campos, e leem-se, na medida em que o tempo o permite, ora os comentários dos Apóstolos ora os escritos dos Profetas. (...) Seguidamente, a cada um dos presentes se distribui e faz participante dos dons sobre os quais foi pronunciada a ação de graças, e dos mesmos se envia aos ausentes por meio dos diáconos. Os que possuem bens em abundância dão livremente o que lhes parece bem, e o que se recolhe põe-se à disposição daquele que preside. Este socorre os órfãos e viúvas e os que, por motivo de doença ou qualquer outra razão, se encontram em necessidade, assim como os encarcerados e hóspedes que chegam de viagem; numa palavra, ele toma sobre si o encargo de todos os necessitados» (Primeira Apologia, LXVII, 1-6).

4. Voltando à comunidade de Corinto, sucedeu que, depois do entusiasmo inicial, começou a esmorecer o empenho, e a iniciativa proposta pelo Apóstolo perdeu impulso. Este é o motivo que leva

Paulo a escrever com grande paixão, relançando a coleta, «para que, como fostes prontos no querer, também o sejais no executar, conforme as vossas possibilidades» (2 Cor 8, 11).

Neste momento, penso na disponibilidade que, nos últimos anos, moveu populações inteiras para abrir as portas a fim de acolher milhões de refugiados das guerras no Médio Oriente, na África Central e, agora, na Ucrânia.

As famílias abriram as suas casas para deixar entrar outras famílias, e as comunidades acolheram generosamente muitas mulheres e crianças para lhes proporcionar a devida dignidade.

Mas quanto mais se alonga o conflito, tanto mais se agravam as suas consequências. Os povos que acolhem têm cada vez mais dificuldade em dar continuidade à ajuda; as famílias e as comunidades começam a sentir o peso duma situação que vai além da emergência.

Este é o momento de não ceder, mas de renovar a motivação inicial. O que começamos precisa de ser levado a cabo com a mesma responsabilidade.

5. Com efeito, a solidariedade é precisamente partilhar o pouco que temos com quantos nada têm, para que ninguém sofra. Quanto mais cresce o sentido de comunidade e comunhão como estilo de vida, tanto mais se desenvolve a solidariedade.

Aliás, deve-se considerar que há países onde, nas últimas décadas, se verificou um significativo crescimento do bem-estar de muitas famílias, que alcançaram um estado de vida seguro. Trata-se dum resultado positivo da iniciativa privada e de leis que sustentaram o crescimento económico, aliado a um incentivo concreto às políticas familiares e à responsabilidade social. Possa este património de segurança e estabilidade alcançado ser agora partilhado com quantos foram obrigados a deixar as suas casas e o seu país para se salvarem e sobreviverem.

Como membros da sociedade civil, mantenhamos vivo o apelo aos valores da liberdade, responsabilidade, fraternidade e solidaria-



de; e, como cristãos, encontremos sempre na caridade, na fé e na esperança o fundamento do nosso ser e da nossa atividade.

6. É interessante notar que o Apóstolo não quer obrigar os cristãos, forçando-os a uma obra de caridade; de facto, escreve: «Não o digo como quem manda». O que ele pretende é «pôr à prova a sinceridade do amor» demonstrado pelos Coríntios na atenção e solicitude pelos pobres (cf. 2 Cor 8, 8).

Na base do pedido de Paulo está certamente a necessidade de ajuda concreta, mas a sua intenção vai mais longe. Convida a realizar a coleta, para que seja sinal do amor testemunhado pelo próprio Jesus.

Enfim, a generosidade para com os pobres encontra a sua motivação mais forte na opção do Filho de Deus que quis fazer-Se pobre.

Na realidade, o Apóstolo não hesita em afirmar que esta opção de Cristo, este seu «despojamento», é uma «graça» – aliás, é «a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo» (2 Cor 8, 9) – e só acolhendo-a é que podemos dar expressão concreta e coerente à nossa fé.

O ensinamento de todo o Novo Testamento revela a propósito uma especial unanimidade, como se verifica nesta passagem da Carta do apóstolo Tiago sobre a Palavra que foi semeada nos crentes: «Tendes de a pôr em prática e não apenas ouvi-la, enganando-vos a vós mesmos. Porque, quem se contenta com ouvir a palavra, sem a pôr em prática, assemelha-se a alguém que contempla a sua fisionomia num espelho; mal acaba de se contemplar, sai dali e esquece-se de como era. Aquele, porém, que medita com atenção a lei perfeita, a lei da liberdade, e nela persevera – não como quem a ouve e logo se esquece, mas como quem a cumpre – esse encontrará a felicidade ao pô-la em prática» (1, 22-25).

7. No caso dos pobres, não servem retóricas, mas arregaçar as mangas e pôr em prática a fé através dum envolvimento direto,

que não pode ser delegado a ninguém.

Às vezes, porém, pode sobrevir uma forma de relaxamento que leva a assumir comportamentos incoerentes, como no caso da indiferença em relação aos pobres.

Além disso acontece que alguns cristãos, devido a um apego excessivo ao dinheiro, ficam empantanados num mau uso dos bens e do património. São situações que manifestam uma fé frágil e uma esperança fraca e míope.

Sabemos que o problema não está no dinheiro em si, pois faz parte da vida diária das pessoas e das relações sociais.

Devemos refletir, sim, sobre o valor que o dinheiro tem para nós: não pode tornar-se um absoluto, como se fosse o objetivo principal.

Um tal apego impede de ver, com realismo, a vida de todos os dias e ofusca o olhar, impedindo de reconhecer as necessidades dos outros.

Nada de mais nocivo poderia acontecer a um cristão e a uma comunidade do que ser ofuscados pelo ídolo da riqueza, que acaba por acorrentar a uma visão efêmera e falhada da vida.

Entretanto não se trata de ter um comportamento assistencialista com os pobres, como muitas vezes acontece; naturalmente é necessário empenhar-se para que a ninguém falte o necessário. Não é o ativismo que salva, mas a atenção sincera e generosa que me permite aproximar dum pobre como de um irmão que me estende a mão para que acorde do torpor em que caí.

Por isso, «ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências.

Esta é uma desculpa frequente nos ambientes académicos, empresariais ou profissionais, e até mesmo eclesiais. (...)

Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 201).

Urge encontrar estradas novas que possam ir além da configuração daquelas políticas sociais «concebidas como uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres e muito menos inserida num projeto que reúna os povos» (Francisco, Carta enc. Fratelli tutti, 169).

Em vez disso, é preciso tender para assumir a atitude do Apóstolo, que podia escrever aos Coríntios: «Não se trata de, ao aliviar os outros, vos fazer entrar em apuros, mas sim de que haja igualdade» (2 Cor 8, 13).

8. Estamos diante dum paradoxo, que, hoje como no passado, é difícil de aceitar, porque embate na lógica humana: há uma pobreza que nos torna ricos.

Recordando a «graça» de Jesus Cristo, Paulo quer confirmar o que o próprio Senhor pregou, ou seja, que a verdadeira riqueza não consiste em acumular «tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e os ladrões arrombam os muros, a fim de os roubar» (Mt 6, 19), mas, antes, no amor recíproco que nos faz carregar os fardos uns dos outros, para que ninguém seja abandonado ou excluído.

A experiência de fragilidade e limitação, que vivemos nestes últimos anos e, agora, a tragédia duma guerra com repercussões globais, devem ensinar-nos decididamente uma coisa: não estamos no mundo para sobreviver, mas para que, a todos, seja consentida uma vida digna e feliz.

A mensagem de Jesus mostra-nos o caminho e faz-nos descobrir a existência duma pobreza que humilha e mata, e há outra pobreza – a d’Ele – que liberta e nos dá serenidade.

A pobreza que mata é a miséria, filha da injustiça, da exploração, da violência e da iníqua distribuição dos recursos. É a pobreza desesperada, sem futuro, porque é imposta pela cultura do descarte que não oferece perspectivas nem vias de saída. É a miséria que, enquanto constribe à condição de extrema

indigência, afeta também a dimensão espiritual, que, apesar de muitas vezes ser transcurada, não é por isso que deixa de existir ou de contar.

Quando a única lei passa a ser o cálculo do lucro no fim do dia, então deixa de haver qualquer freio na adoção da lógica da exploração das pessoas: os outros não passam de meios. Deixa de haver salário justo, horário justo de trabalho e criam-se novas formas de escravidão, suportada por pessoas que, sem alternativa, devem aceitar este veneno de injustiça a fim de ganhar o mínimo para comer.

Ao contrário, pobreza libertadora é aquela que se nos apresenta como uma opção responsável para alijar da estiva quanto há de supérfluo e apostar no essencial.

De facto, pode-se individuar facilmente o sentido de insatisfação que muitos experimentam, porque sentem que lhes falta algo de importante e andam à sua procura como extraviados sem rumo. Desejosos de encontrar o que os possa saciar, precisam de ser encaminhados para os humildes, os frágeis, os pobres para compreenderem finalmente aquilo de que tinham verdadeiramente necessidade.

Encontrar os pobres permite acabar com tantas ansiedades e medos inconsistentes, para atracar àquilo que verdadeiramente importa na vida e que ninguém nos pode roubar: o amor verdadeiro e gratuito.

Na realidade, os pobres, antes de ser objeto da nossa esmola, são sujeitos que ajudam a libertar-nos das armadilhas da inquietação e da superficialidade.

Um padre e doutor da Igreja, São João Crisóstomo, em cujos escritos se encontram fortes denúncias contra o comportamento dos cristãos para com os mais pobres, escrevia: «Se não consegues acreditar que a pobreza te faça tornar rico, pensa no teu Senhor e deixa de duvidar quanto a isso. Se Ele não tivesse sido pobre, tu não serias rico; trata-se de algo extraordinário: que da pobreza

tenha derivado riqueza abundante. Aqui Paulo entende por “riquezas” o conhecimento da piedade, a purificação dos pecados, a justiça, a santificação e milhares doutras coisas boas que nos foram dadas agora e para sempre. Tudo isto, o temos graças à pobreza» (Homilias sobre a II Carta aos Coríntios, 17, 1).

9. O texto do Apóstolo a que se refere este VI Dia Mundial dos Pobres apresenta o grande paradoxo da vida de fé: a pobreza de Cristo torna-nos ricos. Se Paulo pôde comunicar este ensinamento – e a Igreja difundiu-lo e testemunhá-lo ao longo dos séculos – é porque Deus, em seu Filho Jesus, escolheu e seguiu esta estrada. Se Ele Se fez pobre por nós, então a nossa própria vida ilumina-se e transforma-se, adquirindo um valor que o mundo não conhece nem pode dar.

A riqueza de Jesus é o seu amor, que não se fecha a ninguém mas vai ao encontro de todos, sobretudo de quantos estão marginalizados e desprovidos do necessário. Por amor, despojou-Se a Si mesmo e assumiu a condição humana. Por amor, fez-Se servo obediente, até à morte e morte de cruz (cf. Flp 2, 6-8). Por amor, fez-Se «pão de vida» (Jo 6, 35), para que a ninguém falte o necessário, e possa encontrar o alimento que nutre para a vida eterna.

Também em nossos dias parece difícil, como foi então para os discípulos do Senhor, aceitar este ensinamento (cf. Jo 6, 60); mas a palavra de Jesus é clara. Se quisermos que a vida vença a morte e que a dignidade seja resgatada da injustiça, o caminho a seguir é o d’Ele: é seguir a pobreza de Jesus Cristo, partilhando a vida por amor, repartindo o pão da própria existência com os irmãos e irmãs, a começar pelos últimos, por aqueles que carecem do necessário, para que se crie a igualdade, os pobres sejam libertos da miséria e os ricos da vaidade, ambos sem esperança.

10. No passado dia 15 de maio canonizei o Irmão Carlos de Foucauld, um homem que, tendo nascido rico, renunciou a tudo para seguir Jesus e com Ele tornar-se pobre e irmão de todos.

A sua vida eremita, primeiro em Nazaré e depois no deserto do Saara, feita de silêncio, oração e partilha, é um testemunho exemplar da pobreza cristã.

Ajudar-nos-á a meditação destas suas palavras: «Não desprezemos os pobres, os humildes, os operários; são não só nossos irmãos em Deus, mas também os que mais perfeitamente imitam a Jesus na sua vida exterior. Eles apresentam-nos perfeitamente Jesus, o Operário de Nazaré. São primogénitos entre os eleitos, os primeiros chamados ao berço do Salvador. Foram a companhia habitual de Jesus, desde o seu nascimento até à sua morte (...). Honremo-los, honremos neles as imagens de Jesus e dos seus santos progenitores (...). Tomemos para nós [a condição] que Ele tomou para Si (...).

Nunca deixemos de ser, em tudo, pobres, irmãos dos pobres, companheiros dos pobres; sejamos os mais pobres dos pobres, como Jesus, e como Ele amemos os pobres e rodeemo-nos deles» ( Comentário ao Evangelho de Lucas, Meditação 263) [1].

Para o Irmão Carlos, estas não eram apenas palavras, mas estilo concreto de vida, que o levou a partilhar com Jesus o dom da própria existência.

Oxalá este VI Dia Mundial dos Pobres se torne uma oportunidade de graça, para fazermos um exame de consciência pessoal e comunitário, interrogando-nos se a pobreza de Jesus Cristo é a nossa fiel companheira de vida.

Roma, São João de Latrão, na Memória de Santo António, 13 de junho de 2022.

## *É preciso coragem para casar*

*Homília do Papa Francisco na Missa do X Encontro Mundial das Famílias, em 25 de junho.*

No âmbito do X Encontro Mundial das Famílias, este é o momento da ação de graças. Hoje trazemos, com gratidão, à presença de Deus – como num grande ofertório – tudo o que o Espírito Santo semeou em vós, queridas famílias.

Algumas de vós participaram nos momentos de reflexão e partilha aqui no Vaticano; outras animaram e viveram os mesmos momentos nas respetivas dioceses, formando uma espécie de imensa constelação. Imagino a riqueza de experiências, propósitos, sonhos, como não mancaram também as preocupações e as incertezas.

Agora apresentamos tudo ao Senhor e pedimos-Lhe que vos sustente com a sua força e o seu amor. Sois pais, mães, filhos, avós, tios; sois adultos, crianças, jovens, idosos; cada qual com uma experiência diversa de família, mas todos com a mesma esperança feita oração: Que Deus abençoe e guarde as vossas famílias e todas as famílias do mundo.

Na segunda Leitura, São Paulo falou-nos de liberdade.

A liberdade é um dos bens mais apreciados e procurados pelo homem moderno e contemporâneo. Todos desejam ser livres, não sofrer condicionamentos, nem ver-se limitados; por isso aspiram a libertar-se de qualquer tipo de «prisão»: cultural, social, económica. E, no entanto, quantas pessoas carecem da liberdade maior: a liberdade interior!

A maior liberdade é a liberdade interior. O Apóstolo lembra-nos, a nós cristãos, que esta é primariamente um dom, quando exclama: «Foi para a liberdade que Cristo nos libertou» (Gal 5, 1). A liberdade foi-nos dada. Nascemos, todos, com muitos condicionamentos, interiores e exteriores, e sobretudo com a tendência para o egoísmo, isto é, para nos colocarmos a nós mesmos no centro e privilegiar os nossos próprios interesses. Mas, desta escravidão, libertou-nos Cristo.

Para evitar equívocos, São Paulo adverte-nos que a liberdade dada por Deus não é a liberdade falsa e vazia do mundo que, na realidade, é «uma ocasião para os [nossos] apetites carnis» (Gal 5, 13).

Essa, não! A liberdade, que Cristo nos conquistou com o preço do seu Sangue, está inteiramente orientada para o amor, a fim de que – como dizia, e nos diz hoje a nós, o Apóstolo –, «pelo amor, [nos façamos] servos uns dos outros» (Gal 5, 13).

Todos vós, esposos, ao formar a vossa família, com a graça de Cristo fizestes esta corajosa opção: não usar a liberdade para proveito próprio, mas para amar as pessoas que Deus colocou junto de vós.

Em vez de viver como «ilhas», fizestes-vos «servos uns dos outros». Assim se vive a liberdade em família! Não há «planetas» ou «satélites», movendo-se cada qual pela sua própria órbita.

A família é o lugar do encontro, da partilha, da saída de si mesmo para acolher o outro e estar junto dele. É o primeiro lugar onde se aprende a amar. Nunca o esqueçais: a família é o primeiro lugar onde se aprende a amar.

Irmãos e irmãs, ao mesmo tempo que reafirmamos com grande convicção tudo isto, bem sabemos que na realidade dos factos não é sempre assim, por muitos motivos e pelas mais variadas situações. Por isso, justamente enquanto afirmamos a beleza da família, sentimos mais do que nunca que devemos defendê-la. Não deixemos que seja poluída pelos venenos do egoísmo, do individualismo, da cultura da indiferença e da cultura do descarte, perdendo assim o seu DNA que é o acolhimento e o espírito de serviço.

A característica própria da família: o acolhimento, o espírito de serviço dentro da família.

A relação entre os profetas Elias e Eliseu, apresentada na primeira Leitura, faz-nos pensar na relação entre as gerações, na «passagem do testemunho» entre pais e filhos. No mundo atual, esta relação não é simples, revelando-se muitas vezes motivo de preocupação.

Os pais temem que os filhos não consigam orientar-se no meio da complexidade e confusão das nossas sociedades, onde tudo parece caótico, precário, acabando por extraviar-se da sua estrada.

Este medo torna alguns pais ansiosos; outros, superprotetores.



E por vezes acaba até por bloquear o desejo de trazer novas vidas ao mundo.

Faz-nos bem refletir sobre a relação entre Elias e Eliseu. Elias, num momento de crise e medo face ao futuro, recebe de Deus a ordem de ungir Eliseu como seu sucessor.

Deus faz compreender a Elias que o mundo não termina com ele, e manda-lhe transmitir a outro a sua missão. Tal é o significado deste gesto descrito no texto: Elias lança o seu manto sobre os ombros de Eliseu e, a partir daquele momento, o discípulo tomará o lugar do mestre para continuar o seu ministério profético em Israel. Deus mostra, assim, que tem confiança no jovem Eliseu. O velho Elias passa a Eliseu a função, a vocação profética. Tem confiança num jovem, tem confiança no futuro. Naquele gesto, está contida toda uma esperança, e é com esperança que passa o testemunho.

Como é importante, para os pais, contemplar o modo de agir de Deus! Deus ama os jovens, mas isto não significa que os preserve de todo o risco, desafio e sofrimento.

Deus não é ansioso, nem superprotetor. Pensai bem nisto: Deus não é ansioso, nem superprotetor; pelo contrário, tem confiança neles e chama cada um à medida alta da vida e da missão.

Pensem no pequeno Samuel, no adolescente David, no jovem Jeremias; pensem sobretudo naquela donzela de dezasseis ou dezassete anos que concebeu Jesus: a Virgem Maria. Fia-Se duma donzela.

Queridos pais, a Palavra de Deus mostra-nos o caminho: não é preservar os filhos do mínimo incómodo e sofrimento, mas procurar transmitir-lhes a paixão pela vida, acender neles o desejo de encontrar a sua vocação e abraçar a missão grande que Deus pensou para eles.

É precisamente esta descoberta que torna Eliseu corajoso, determinado, que o torna adulto.

O afastamento dos pais e a morte dos bois são o sinal concreto

de que Eliseu compreendeu que agora «é a vez dele», que é hora de acolher a vocação de Deus e levar por diante aquilo que viu o seu mestre fazer. E fá-lo-á com coragem até ao fim da sua vida.

Queridos pais, se ajudardes os filhos a descobrirem e acolherem a sua vocação, vereis que serão «fascinados» por esta missão e terão força para enfrentar e superar as dificuldades da vida.

Quero ainda acrescentar que a melhor maneira de um educador ajudar a outrem a seguir a sua vocação é abraçar com um amor fiel a própria.

Foi o que os discípulos viram Jesus fazer; e o Evangelho de hoje mostra-nos um momento emblemático disso mesmo, quando Jesus «Se dirigiu resolutamente para Jerusalém» (Lc 9, 51), sabendo bem que lá seria condenado e morto.

E, no caminho para Jerusalém, Ele vê-Se repellido pelos habitantes da Samaria; uma rejeição, que suscita a reação indignada de Tiago e João, mas que Jesus aceita pois faz parte da sua vocação: ao princípio, fora rejeitado em Nazaré — pensemos naquele dia na sinagoga de Nazaré (cf. Mt 13, 53-58) —, agora, na Samaria e, no fim, será rejeitado em Jerusalém.

Jesus aceita tudo isto, porque veio para tomar sobre Si os nossos pecados.

De igual modo, não há nada mais animador para os filhos do que ver os seus pais viverem o casamento e a família como uma missão, com fidelidade e paciência, apesar das dificuldades, horas tristes e provações.

E, o que sucedeu com Jesus na Samaria, acontece em toda a vocação cristã, incluindo a vocação familiar. Todos o sabemos: há momentos em que é preciso assumir as resistências, os fechamentos, as incompreensões que provêm do coração humano e, com a graça de Cristo, transformá-los em acolhimento do outro, em amor gratuito.

E no caminho para Jerusalém, imediatamente depois deste

episódio que, de certo modo, nos descreve a «vocação de Jesus», o Evangelho apresenta-nos outros três chamamentos, três vocações de igual número de aspirantes a discípulos de Jesus.

O primeiro é convidado a não procurar, no seguimento do Mestre, uma morada estável, uma acomodação segura. Com efeito Ele «não tem onde reclinar a cabeça» (Lc 9, 58).

Seguir Jesus significa pôr-se em movimento e estar sempre em movimento, sempre «em viagem» com Ele através das vicissitudes da vida.

Como tudo isto é verdade para vós, casados! Também vós, ao acolher a vocação para o matrimónio e a família, deixastes o vosso «ninho» e começastes uma viagem, da qual não podíeis conhecer de antemão todas as etapas, e que vos mantém em constante movimento, com situações sempre novas, factos inesperados, surpresas (algumas dolorosas).

Assim é o caminho com o Senhor: dinâmico, imprevisível mas sempre uma maravilhosa descoberta!

Lembremo-nos de que o repouso de cada discípulo de Jesus encontra-se justamente em fazer cada dia a vontade de Deus, seja ela qual for.

O segundo discípulo é convidado a não voltar atrás porque queria, «primeiro, sepultar o pai» (cf. Lc 9, 59-60). Não se trata de faltar ao quarto mandamento, que permanece sempre válido e é um mandamento que nos santifica imenso; mas é um convite a obedecer, antes de tudo, ao primeiro mandamento: amar a Deus sobre todas as coisas.

O mesmo se verifica com o terceiro discípulo, chamado a seguir Cristo resolutamente e de todo o coração, sem «olhar para trás», nem mesmo para se despedir dos seus familiares (cf. Lc 9, 61-62).

Queridas famílias, também vós sois convidadas a não ter outras prioridades, a «não olhar para trás», isto é, a não vos lamentardes repassando a vida de outrora, a liberdade de antes com as suas ilusões enganadoras: a vida fossiliza-se quando não acolhe a novidade do

chamamento de Deus, chorando pela falta do passado. E este caminho de lamentar a falta do passado e não acolher as novidades que Deus nos manda, sempre nos fossiliza; faz-nos duros, faz-nos desumanos.

Quando Jesus chama, nomeadamente ao matrimónio e à família, pede para olharmos em frente, e sempre nos precede no caminho, sempre nos precede no amor e no serviço. Quem O segue, não fica dececionado!

Queridos irmãos e irmãs, providencialmente todas as Leituras da liturgia de hoje nos falam de vocação, que é precisamente o tema deste X Encontro Mundial das Famílias: «O amor familiar: vocação e caminho de santidade».

Com a força desta Palavra de vida, animo-vos a retomar resolutamente o caminho do amor familiar, partilhando com todos os membros da família a alegria desta vocação. E não é uma estrada fácil, não é um caminho fácil: haverá momentos escuros, momentos de dificuldade nos quais pensaremos que tudo acabou.

O amor que viveis entre vós seja sempre aberto, comunicativo, capaz de «tocar com a mão» os mais frágeis e os feridos que encontrardes pelo caminho: frágeis no corpo e frágeis na alma.

De facto é quando se dá que o amor, incluindo o amor familiar, se purifica e fortalece.

A aposta no amor familiar é corajosa: é preciso coragem para casar. Vemos muitos jovens que não têm a coragem de se casar, e muitas vezes acontece uma mãe vir dizer-me: «Faça qualquer coisa, converse com o meu filho, que não se casa; tem 37 anos!» – «Mas, senhora, deixe de lhe passar a ferro as camisas, comece a senhora a mandá-lo sair um pouco, que saia do ninho».

Porque o amor familiar impele os filhos a voarem, ensina-os a voar e impele-os a voar. Não é possessivo: sempre dá liberdade.

E depois, nos momentos difíceis, nas crises – crises, todas as famílias as têm –, por favor, não sigais o caminho mais fácil: «volta para casa da mãe». Não. Andai avante com esta aposta corajosa.

Haverá momentos difíceis, haverá momentos duros, mas avante, sempre. O teu marido, a tua esposa tem aquela centelha de amor que vós sentistes ao princípio: deixai-a sair de dentro, redescobri o amor. E isto ajudar-vos-á imenso nos momentos de crise.

A Igreja está convosco; antes, a Igreja está em vós!

Com efeito, a Igreja nasceu de uma família, a família de Nazaré, e é composta principalmente por famílias.

Que o Senhor vos ajude cada dia a permanecer na unidade, na paz, na alegria e também numa fiel perseverança que nos faz viver melhor e mostra a todos que Deus é amor e comunhão de vida.

## *Na Igreja há lugar para todos*

*Homilia do Papa Francisco na missa e bênção dos púlpitos para os novos arcebispos metropolitanos, na solenidade dos santos apóstolos Pedro e Paulo.*

Revive, hoje, na Liturgia da Igreja o testemunho dos dois grandes Apóstolos Pedro e Paulo. O primeiro, que o rei Herodes metera na prisão, ouve o anjo do Senhor dizer-lhe: «Ergue-te depressa» (At 12, 7); o segundo, resumindo toda a sua vida e apostolado, diz: «combati a boa batalha» (2 Tm 4, 7).

Tendo diante dos olhos estes dois aspetos – erguer-se depressa e combater a boa batalha –, perguntemo-nos que podem eles sugerir à Comunidade Cristã de hoje, empenhada no processo sinodal em curso.

Antes de mais nada, os Atos dos Apóstolos falam-nos da noite em que Pedro foi libertado das correntes da prisão; um anjo do Senhor tocou-lhe o lado enquanto dormia, despertou-o e disse: «Ergue-te depressa!» (12, 7). Desperta-o e pede-lhe para se erguer.

Esta cena evoca a Páscoa, porque aqui encontramos dois verbos

usados nas narrações da ressurreição: despertar e erguer-se. Significa que o anjo despertou Pedro do sono da morte e o impeliu a erguer-se, isto é, a ressurgir, a sair para a luz, a deixar-se conduzir pelo Senhor para superar o limiar de todas as portas fechadas (cf. At 12, 10).

É uma imagem significativa para a Igreja. Também nós, como discípulos do Senhor e como Comunidade Cristã, somos chamados a erguermos-nos depressa para entrar no dinamismo da ressurreição e deixarmos-nos conduzir pelo Senhor ao longo dos caminhos que Ele nos quiser indicar.

Sentimos ainda tantas resistências interiores que não nos deixam pôr em marcha. Tantas resistências!

Às vezes, como Igreja, somos dominados pela preguiça e preferimos ficar sentados a contemplar as poucas coisas seguras que possuímos, em vez de nos erguermos a fim de lançar o olhar para horizontes novos, para o mar alto.

Muitas vezes estamos acorrentados como Pedro no cárcere do ramerrão, assustados pelas mudanças e presos à corrente das nossas habitudes.

Mas, assim, cai-se na mediocridade espiritual, corre-se o risco de «ir sobrevivendo» mesmo na vida pastoral, esmorece o entusiasmo da missão e, em vez de ser sinal de vitalidade e criatividade, a impressão que se dá é de tibieza e inércia.

Então, como escrevia Padre Henri de Lubac, a grande corrente de novidade e de vida, que é o Evangelho nas nossas mãos, torna-se uma fé que «cai no formalismo e na habitude, (...) religião de cerimónias e devoções, de ornamentos e vulgares consolações (...). Cristianismo clerical, cristianismo formalista, cristianismo mortiço e endurecido» (O drama do humanismo ateu. O homem diante de Deus, Milão 2017, 103-104).

O Sínodo, que estamos a celebrar, chama-nos a ser uma Igreja que se ergue em pé, não dobrada sobre si mesma, capaz de olhar mais além, de sair das suas prisões para ir ao encontro do mundo, com a coragem de abrir portas.

Naquela mesma noite, insidiava outra tentação (cf. At 12, 12-

17): aquela jovem assustada, em vez de abrir a porta, volta para trás contando algo que, para os presentes, só podia ser obra da sua fantasia.

Abramos as portas. É o Senhor que chama. Não sejamos como Rode que voltara para trás...

Uma Igreja sem correntes nem muros, onde cada qual se possa sentir acolhido e acompanhado, onde se cultive a arte da escuta, do diálogo, da participação, sob a única autoridade do Espírito Santo.

Uma Igreja livre e humilde, que «se ergue depressa», que não adia, não acumula atrasos face aos desafios de hoje, não se demora nos recintos sagrados, mas deixa-se animar pela paixão do anúncio do Evangelho e pelo desejo de chegar a todos, e a todos acolher.

Não esqueçamos esta palavra: todos. Todos! Ide pelas encruzilhadas e trazei todos, cegos, surdos, coxos, doentes, justos, pecadores: todos, todos!

Esta palavra do Senhor deve ressoar... ressoar na mente e no coração: todos! Na Igreja, há lugar para todos. E muitas vezes tornamo-nos uma Igreja de portas abertas, mas para despedir as pessoas, para condenar as pessoas.

Ontem dizia-me um de vós: «Para a Igreja, este não é o tempo dos despedimentos, mas o tempo do acolhimento». «Não vieram ao banquete...» – Ide pelas encruzilhadas. Todos, todos! «Mas são pecadores!» – Todos.

Depois, a segunda Leitura propôs-nos as palavras de Paulo que, repassando toda a sua vida, afirma: «combati a boa batalha» (2 Tm 4, 7).

O Apóstolo refere-se às inúmeras situações, às vezes marcadas pela perseguição e a tribulação, em que não se poupou a anunciar o Evangelho de Jesus. Agora, no final da vida, vê que, na história, está ainda em curso uma grande «batalha», porque muitos não estão dispostos a acolher Jesus, preferindo correr atrás dos seus próprios interesses e doutros mestres mais condescendentes, mais facilitadores,

mais conformes à nossa vontade.

Paulo enfrentou o seu combate e, agora que terminou a corrida, pede a Timóteo e aos irmãos da comunidade para continuarem esta obra com a vigilância, o anúncio, o ensino; enfim, cada um cumpra a missão que lhe foi confiada e faça a própria parte.

É uma Palavra de vida, também para nós, despertando a consciência de que, na Igreja, cada um é chamado a ser discípulo-missionário e a prestar a sua contribuição.

Aqui vêm-me ao pensamento duas perguntas. A primeira: Que posso fazer eu pela Igreja? Não lamentar-me da Igreja, mas empenhar-me em prol da Igreja. Participar com paixão e humildade: com paixão, porque não devemos ficar espectadores passivos; com humildade, porque envolver-se na comunidade nunca deve significar ocupar o centro do palco, nem sentir-se o melhor impedindo aos outros de se aproximarem.

Igreja em processo sinodal significa isto: todos participam, mas ninguém no lugar dos outros ou acima dos outros. Não há cristãos de primeira e segunda classe; mas todos, todos são chamados.

Entretanto participar significa também continuar aquela «boa batalha» de que fala Paulo.

Trata-se realmente duma «batalha», porque o anúncio do Evangelho não é neutral – por favor! Que o Senhor nos livre de destilar o Evangelho para o tornar neutral: o Evangelho não é água destilada –, não deixa as coisas como estão, não aceita a cedência às lógicas do mundo, mas acende o fogo do Reino de Deus lá onde, ao contrário, reinam os mecanismos humanos do poder, do mal, da violência, da corrupção, da injustiça, da marginalização.

Desde que Jesus Cristo ressuscitou, agindo como linha divisória da história, «começou uma grande batalha entre a vida e a morte, entre esperança e desespero, entre resignação ao pior e luta pelo melhor, uma batalha que não conhecerá tréguas até à derrota definitiva de todas as forças do ódio e da destruição» (C. M. Martini,



Homilia na Páscoa da Ressurreição, 04/IV/1999).

Vimos a primeira pergunta; agora a segunda: Que podemos fazer juntos, como Igreja, para tornar o mundo em que vivemos mais humano, mais justo, mais solidário, mais aberto a Deus e à fraternidade entre os homens?

Certamente não devemos fechar-nos nos nossos círculos eclesiais nem perder-nos em certas discussões estéreis.

Cuidado para não cairdes no clericalismo; o clericalismo é uma perversão. O ministro que se faz clerical adotando atitudes clericais, embocou um caminho errado; pior ainda são os leigos clericalizados.

Estejamos atentos a esta perversão que é o clericalismo. Ajudem-nos a ser fermento na massa do mundo. Juntos, podemos e devemos fazer gestos cuidadores a bem da vida humana, da tutela da criação, da dignidade do trabalho, dos problemas das famílias, da condição dos idosos e de quantos se veem abandonados, rejeitados e desprezados.

Enfim, ser uma Igreja que promove a cultura do cuidado, da ternura, a compaixão pelos frágeis e a luta contra toda a forma de degradação, incluindo a das nossas cidades e dos lugares que frequentamos, para resplandecer na vida de cada um a alegria do Evangelho: esta é a nossa «batalha», este é o nosso desafio.

As tentações para ficar no passado são muitas; a tentação da nostalgia que nos faz olhar para outros tempos como sendo melhores.

Por favor, não caiamos no saudosismo, neste saudosismo de Igreja que está na moda hoje.

Irmãos e irmãs, hoje, segundo uma bela tradição, benzi os Pálios para os Arcebispos Metropolitanos recém-nomeados, muitos dos quais participam na nossa celebração.

Em comunhão com Pedro, são chamados a «erguer-se depressa», não dormir, para ser sentinelas vigilantes do rebanho. Levanta-te para «combater a boa batalha», nunca sozinhos, mas com todo o santo Povo fiel de Deus.

E como bons pastores devem estar à frente do povo, no meio

do povo e atrás do povo, mas sempre com o santo povo fiel de Deus, porque fazem parte do santo povo fiel de Deus.

De coração, saúdo a Delegação do Patriarcado Ecuménico, enviada pelo querido irmão Bartolomeu. Obrigado! Obrigado pela vossa presença e pela mensagem de Bartolomeu! Obrigado! Obrigado por caminhar juntos, porque, só juntos, podemos ser semente de Evangelho e testemunhas de fraternidade.

Pedro e Paulo intercedam por nós, intercedam pela cidade de Roma, intercedam pela Igreja e pelo mundo inteiro. Amen.

## 5. Recensões



